

# BOI de MAMÃO

FUNDAÇÃO CATARINENSE DE CULTURA  
Secretaria de Cultura, Esporte e Turismo

FLORIANÓPOLIS, JUNHO DE 1981 – NÚMERO 04 Cr\$ 15,00

Prof. Dr. Luiza Junfes  
Presidente da ACL  
DOAÇÃO

★ Nossos mangues:  
de criadouros a matadouros

★ Prêmio Cruz e Sousa: poemas

★ Em São José  
ressurge o Theatro da Província

★ Concursos, ficção, resenhas.

# BOI de MAMÃO

Edição da Fundação Catarinense de Cultura  
Rua Victor Konder, 71  
88.000 - Florianópolis, SC

**Diretor-Responsável:** João Nicolau Carvalho  
**Editor-Chefe:** João Paulo Silveira de Souza  
**Editora de Texto:** Coláca Grangeiro  
**Conselho Consultivo:** Alcides Buss, Carlos Humberto Corrêa, Celestino Sachet, Doralécio Soares, Harry Laus, Holdemar Menezes, Jair Francisco Hamms, Laudelino Santos Neto, Lauro Junkes, Lindolf Bell, Marcos Konder Reis, Nereu Corrêa, Nereu do Vale Pereira, Osmar Pisani, Osvaldo Mello Filho, Paulo Costa Ramos, Salomão Antonio Ribas Júnior, Sílvia Coelho dos Santos, Theobaldo Costa Jamundá.

**Arte e Diagramação:** Marcos Rodrigues Malta (Marquito)  
**Composição de Texto:** Déborah R. O. Lacombe, Lenir S. Silva, Arlete Raupp e Vilmar.  
**Serviços Gráficos:** Neri Marçal  
**Revisão:** Tereza Aguiar, Salette Caset, Marise V. Andrade, Dácio Osti, Raquel, Aparecida, Maria F. Campos, Laureci Maciel.

**Capa:** "Mangue", foto do arquivo da Professora Clarice Pannitz  
Composto e Impresso nas Oficinas da Imprensa Oficial do Estado de Santa Catarina (IOESC) - 1981



## CONCURSO "21 DEDOS DE PROSA"

— Setenta mil cruzeiros para uma resenha crítica —

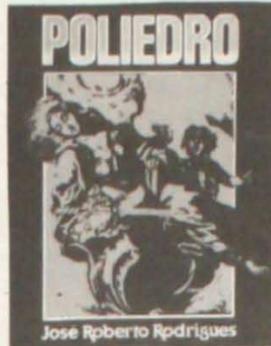
A Associação Catarinense de Escritores (ACEs), com a finalidade de proporcionar o conhecimento de obras de autores catarinenses, está lançando um Concurso literário de incentivo à redação de uma **resenha crítica**, que este ano será sobre o livro **21 DEDOS DE PROSA**. A promoção tem o apoio da Fundação Catarinense de Cultura.

O Concurso é aberto à participação de qualquer brasileiro residente ou não no país e dará um prêmio de Cr\$ 70.000,00 (setenta mil cruzeiros) ao melhor trabalho remetido até 21 de novembro de 1981.

### REGULAMENTO

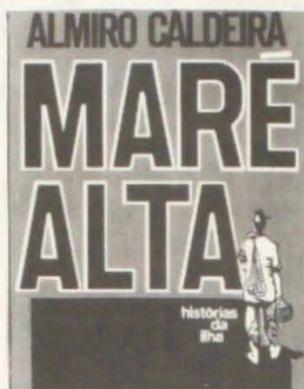
- O Concurso consiste da redação de uma **resenha crítica** sobre o livro **21 DEDOS DE PROSA**, Edição da Associação Catarinense de Escritores/Cambirela - 1980, que reúne 21 contistas dos mais expressivos da literatura catarinense contemporânea.
- A **resenha crítica** terá, obrigatoriamente, que abranger os 21 contos que compõem o livro.
- Os trabalhos **deverão** ser enviados em 3 vias, datilografados em papel ofício, de um só lado, em espaço dois, com um mínimo de 5 páginas.
- No trabalho deverá figurar apenas o título e o pseudônimo do autor.
- Com o trabalho o concorrente enviará um envelope lacrado, em cuja face constará o título do trabalho e o seu pseudônimo, contendo em seu interior as seguintes informações:
  - a) Título do trabalho;
  - b) Pseudônimo do autor;
  - c) nome e endereço completos;
  - d) breve currículo.
- Os trabalhos **deverão** ser remetidos até o dia 21 de novembro para o seguinte endereço:  
Associação Catarinense de Escritores  
Caixa Postal - D-56  
88.000 - Nossa Senhora do Desterro - SC
- A Associação Catarinense de Escritores constituirá uma comissão para avaliar e selecionar o trabalho vencedor, sendo essa comissão soberana em suas decisões.
- O trabalho vencedor será publicado no jornal **ENGENHO**, órgão de divulgação da Associação Catarinense de Escritores bem como no jornal **BOI-DE-MAMÃO**, órgão de divulgação da Fundação Catarinense de Cultura.
- O valor do prêmio será de Cr\$ 70.000,00 (setenta mil cruzeiros)

OS LIVROS PODERÃO SER ADQUIRIDOS diretamente com a Associação Catarinense de Escritores, bastando encaminhar-se àquela Entidade cheque nominal no valor de Cr\$ 300,00, para se receber o livro sem quaisquer outras despesas.



**POLIEDRO** — de José Roberto Rodrigues. Capa de Sílvia J. Macedo. Edição da Fundação Catarinense de Cultura, 1980.

Estréia em livro do poeta José Roberto Rodrigues autor já conhecido do leitor catarinense pela sua participação em antologias e publicações literárias no Estado. O livro traz apresentação do poeta Lindolf Bell.



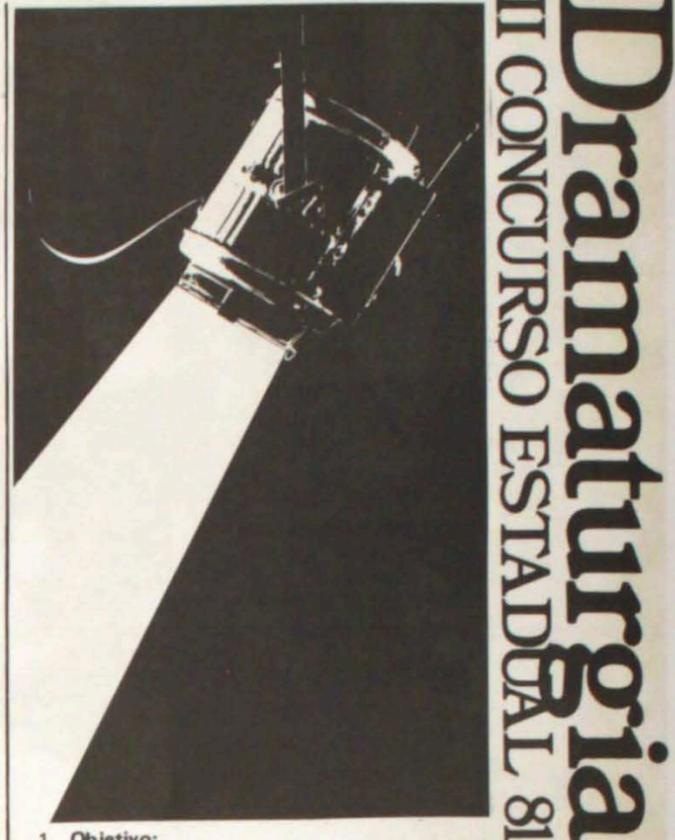
**MARÉ ALTA** — de Almiro Caldeira. Capa de Mário Röhnel e ilustrações de Hassis Corrêa. Editora Movimento, Porto Alegre, RS, 1980.

Neste seu primeiro livro de contos, o catarinense Almiro Caldeira reafirma as qualidades de narrador já demonstradas na novela **Rocamaranha** e em **Ao Encontro da Manhã**, romance de fundo histórico sobre a revolução de 1893. Diz Mariano Soares: "Maré Alta tem a justa pretensão de ser, no seu conjunto, um quadro definitivo e fiel das crenças, dos falares, dos costumes do povo açoriano da Ilha de Santa Catarina, mostrando um modo de ser muito seu, cuja característica se estende ao dia-a-dia dos ilhéus de hoje".



**AS FAMÍLIAS** — de Adolfo Boos Jr. Capa e ilustrações de Hassis. Edição da Fundação Catarinense de Cultura, 1980.

Dos mais importantes contistas de Santa Catarina desde a publicação de **Teodora e Cia.** na década de 50 e com participações ocasionais em algumas antologias, Adolfo Boos Jr. reaparece com este segundo livro de contos, "As Famílias, no qual demonstra o escritor maduro e de apurada técnica. Na "Apresentação" do livro, afirma o crítico Salim Miguel: "A linguagem é densa, contida, elaborada, carregada de símbolos. Boos pesa cada palavra, avalia-a, buscando seu significado mais íntimo, procurando recriá-la para nos transmitir a visão multifacetada de seu universo".



- Objetivo:**
  - Incentivar a formação de uma dramaturgia estadual, bem como a produção e/ou pesquisa de textos inéditos de dramaturgos catarinenses.
  - Atender à necessidade de ampliação da reduzida literatura dramática adulto-infantil catarinense.

**Promoção:** Secretaria de Cultura, Esporte e Turismo Fundação Catarinense de Cultura.

**Patrocínio:** Caixa Econômica Federal

### Regulamento:

#### — Categorias:

Os autores poderão inscrever peças inéditas na categoria adulta e/ou infantil.  
As peças deverão ser necessariamente inéditas, ou seja, não representadas ou submetidas à leitura pública.

#### — Inscrições:

- Poderão ser feitas diretamente no local: Fundação Catarinense de Cultura - Rua Victor Konder, 71 Florianópolis - CEP 88.000, diariamente de 2a. a 6a. feira, das 8:00 às 12:00 horas e das 14:00 às 18:00 horas.
- Se forem enviados pelo correio, os trabalhos deverão vir sob registro, cuja data será considerada a da inscrição.
- Em ambos os casos, o envelope deverá conter a especificação: II CONCURSO ESTADUAL DE DRAMATURGIA e a categoria de inscrição (adulto ou infantil)

#### Art. 4 - Premiação:

Atribuir-se-ão prêmios aos vencedores, dentro da seguinte classificação:

##### 1 - Para os 1o. lugares:

- Categoria Adulta:**
  - prêmio em dinheiro, no valor de Cr\$ . . . . 30.000,00 (trinta mil cruzeiros)
  - montagem da peça, no valor de Cr\$ . . . . 100.000,00 (cem mil cruzeiros) incluindo: pagamento de cachet ao diretor e intérpretes, cenários e figurinos.
  - impressão do texto.

- Categoria Infantil:**

- prêmio em dinheiro, no valor de Cr\$ . . . . 30.000,00 (trinta mil cruzeiros)
- montagem da peça, no valor de Cr\$ . . . . 70.000,00 (setenta mil cruzeiros) incluindo: pagamento de cachet ao diretor e intérpretes, cenários e figurinos.
- impressão do texto

##### 2 - Para os 2o. lugares:

- Categoria Adulta:**
  - prêmio em dinheiro no valor de Cr\$ . . . . 25.000,00 (vinte e cinco mil cruzeiros)
  - leitura dramática do texto.

- Categoria Infantil:**

- prêmio em dinheiro no valor de Cr\$ . . . . 25.000,00 (vinte e cinco mil cruzeiros)
- leitura dramática do texto.

##### 3 - Para os 3o. lugares:

- Categoria Adulta:**
  - Placa de Menção Honrosa
  - Leitura dramática do texto.

- Categoria Infantil:**

- Placa de Menção Honrosa;
- Leitura Dramática do texto.

#### — Prazo:

- As inscrições, no local, ou enviadas pelo correio, serão aceitas até o dia 30 de setembro de 1981.
- O prazo para julgamento será de 40 (quarenta) dias a partir do encerramento das inscrições, podendo, no entanto, ser prorrogado em função do número de textos inscritos, ou qualquer outra razão plenamente justificada.
- A entrega dos prêmios será feita na 1a. quinzena de dezembro de 1981.
- Os demais prêmios de montagem, e publicação e leitura dramática serão realizados a partir de dezembro de 1981.



fotos: arquivo professoras Clarice Pannitz e Roseli Mosimann

# **estamos destruindo um dos ecossistemas mais ricos do planeta**

*A mansuetude das águas do mar abraçadas pela limpidez das praias, mesclada ao arrojo das ondas do mar aberto, tem sido um dos mais constantes pontos do lirismo poético catarinense. Tem sido também o retrato do nosso cotidiano litorâneo, temperado ao não menos decantado poder piscoso de nossas águas marinhas, até há pouco sempre muito pródigas em quantidades de peixes, moluscos e crustáceos. Mas, se não se tornaram saudosos esses tempos, eles já não figuram mais tão coloridos, plácidos e ricos como em outras épocas. Nosso litoral, um dos mais profícuos da costa brasileira, já carece do poder magnético e rico que sempre emoldurou as telas e os versos de nossos artistas, ao mesmo tempo em que serve de sustentação para o chamamento de turistas e de recursos financeiros para a economia estadual. Nossas riquezas naturais estão se esvaindo e junto com elas se vão a cristalinidade do nosso mar, o valor protéico da nossa fauna marinha e a beleza das nossas paisagens se altera dia-a-dia pela ação humana. Os especialistas alertam: não se trata de retórica, discursos apocalípticos, mas sim de uma drástica realidade. É preciso que se tome consciência desses problemas e que nosso povo se eduque para a conservação de nossos recursos naturais, pois a sua proteção é também a preservação da nossa economia, da nossa cultura, enfim, da nossa vida.*



Clarice: "As perspectivas são negras".

(Foto: Fernanda Telles)

reportagem e texto: Colaca Grangeiro

## RIQUEZA DESVALORIZADA

Na Ilha de Santa Catarina sempre nos habituamos a conviver com uma paisagem que se tornou familiar e, talvez por isso, se fez pouco chamativa e valorizada: os manguezais. Caracterizados como ecossistemas estuarinos (eles se situam nas confrontações das águas dos rios com as do mar), os mangues se fazem presentes aqui no Estado especialmente nas baías de Laguna, Ilha de Santa Catarina e São Francisco do Sul, apresentando-se bastante espessos na linha que vai da Ilha de Santa Catarina até o Vale do Massiambu, no município de Palhoça e mais esparsos até Torres, no Rio Grande do Sul. Aí nesse habitat as espécies vegetais mais características são a *Avicenia sachaueriana* (chamada de siriúba), *Laguncularia racemosa* (mangue de curtume ou sapateiro), *Rhizophora mangle* (mangue de charuto) e a *Spartina Montevidensis*, uma gramínea conhecida como *praturá*. A siriúba domina três quartos de toda a superfície ocupada pelos mangues em Santa Catarina. A fitofisionomia de nossos mangues é bastante homogênea, tendo esta vegetação predominante altura de 6 a 12 metros, sendo as mais desenvolvidas providas de largo esgalhamento.



Mangue do Itacorobi (1969)

Os ecossistemas estuarinos tem sido considerados por grande parte dos estudiosos como os reductos de maior riqueza orgânica da Biosfera. Os mangues são definidos como um patrimônio biológico natural, de intensa produtividade, cuja produção de biomassa só é comparável às densas florestas tropicais. São ambientes de equilíbrio bastante delicado e sumamente importantes na primeira fase de vida e crescimento dos animais marinhos, como peixes, crustáceos e outras formas economicamente importantes. Quem descreve toda essa potencialidade de vida orgânica é a bióloga Míriam Krombauer, da Fundação de Amparo à Tecnologia e Meio Ambiente. Num levantamento que realizou durante um ano ela estudou seis manguezais do litoral catarinense, os mais representativos do Estado: Mangue do Rationes, que possui uma área de 6.331 quilômetros quadrados; Mangue do Saco Grande (1.160 m<sup>2</sup>);

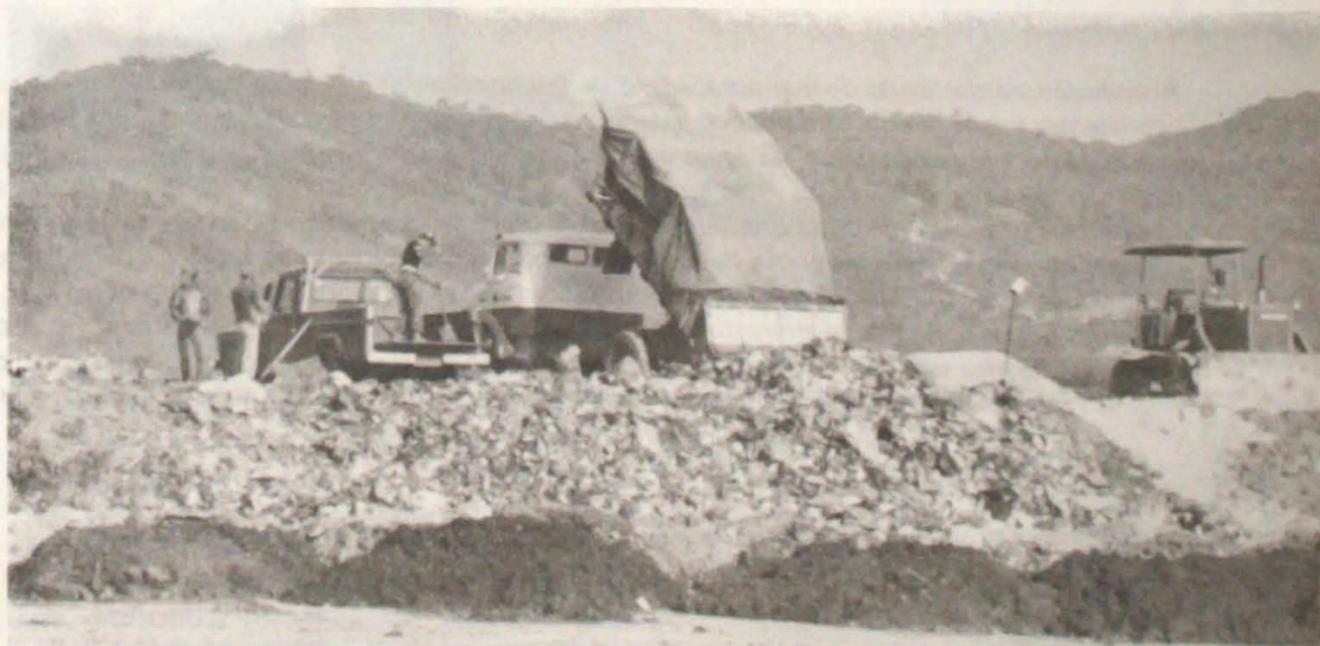
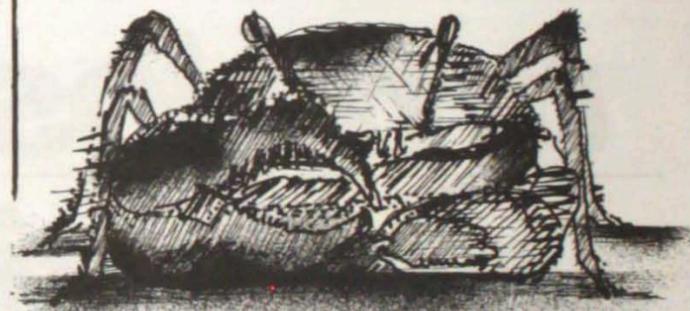
Mangue do Rio Tavares (9.900 km<sup>2</sup>). Estes três situados aqui na Ilha. Além deles ela situou os mangues do Cubatão (3.130 km<sup>2</sup>), de Palhoça (2.590 km<sup>2</sup>) e Mangue do Massiambu.

Somente nos manguezais da Ilha ela constatou a existência de 31 espécies de peixes que têm sua sobrevivência diretamente ligada a esses lodos salgados e seis espécies de crustáceos. Entre os primeiros estão incluídos seis tipos de bagres, badejos, corvina, pescadas e pescadinhas de vários tipos, tainha, parati; três tipos de camarões e três de siri.

Cada um desses animais mantém sua ligação com os mangues de forma diferenciada, mas indispensável. Uns desovam nos mangues, outros desovam nas águas e se transportam para o mangue em fase pós-larval, como é o caso do camarão e dos alevinos da tainhota. É aí nesse habitat que eles encontram abrigo e alimento e é do equilíbrio desse ecossistema que depende a sobrevivência dessas fontes de proteína e de riqueza a que nos habituamos a degustar e que tem se constituído, ao longo dos anos, na mais segura fonte de renda de inúmeras famílias do nosso litoral.

São os mangues também nichos de alimentação e reprodução de muitas espécies de aves, como as garças, as marrecas da Patagônia, que se nutrem dos organismos ali transformados e valem-se da sua vegetação para depositar os ovos. Porém, ser um dos mais ricos repositórios de nutrientes consumidos por outros seres vivos não é a única função dos mangues. De igual importância é a sua contribuição para evitar a erosão; eles servem de zonas de combate à ação do vento e ainda como barreiras que se opõem ao escoamento de sedimentos do solo que se deslocam com as chuvas em direção ao fundo das águas. Esses sedimentos põem em risco a vida de uma infinidade de animais marinhos que não chegam a ser atingidos porque os mangues impedem sua passagem e os transformam em material orgânico, criando mais quantidade de biomassa.

A vegetação dos mangues têm utilidade bastante diversificada. Ela permite desde a construção de casas, por exemplo, como nos Estados Unidos, onde a *Rhizophora* é predominante, até a produção de matéria-prima para fabricação do acetato de celulose (rayon) e extração do tanino — uma tinta bastante usada pelos pescadores para tingir suas redes.



Situação atual



Os mangues são criadouros naturais de incomparável valor.

## DESTRUIÇÃO

No Brasil o aproveitamento dos mangues é feito de forma totalmente desaconselhável e sua utilização tem propiciado sua extinção, ao invés da reposição dessas áreas. Em países avançados o aproveitamento de todo potencial estuarino é fator de apreço e cuidadosa preservação, havendo a exploração de vegetação estuarina de forma racional, que permite sua reposição de forma equilibrada, sem causar danos ao equilíbrio desse ecossistema. Entre nós as coisas se dão de maneira bem diferente. Qualquer diagnóstico científico sobre os mangues de Santa Catarina, por mais otimista que queira ser, não poderá prever longa existência para áreas tão valiosas. Eles estão todos ameaçados.

"Nossos manguezais estão a perigo. Estão sendo assassinados. Não creio que haja alguma forma de salvá-los". Quem fala assim é a bióloga Clarice Pannitz, professora da UFSC, com título de mestrado nesta área e que está preparando uma tese que pretende, entre outros objetivos, mostrar o potencial dos mangues como criadouros de organismos estuarinos, mensurando o *quantum* produtivo eles representam e, assim, dimensionar as perdas tanto ecológicas quanto econômicas que acabamos tendo pela sua destruição.

Ela não esconde sua preocupação e seu ceticismo quanto ao futuro dos mangues. "Sobrevoando nossos mangues é que a gente tem a exata dimensão de como muito já foi destruído e continua sendo. Para um leigo isso pode até parecer alarme demasiado, mas para um especialista, a situação é assustadora".

A professora cita o Mangue do Rio Tavares como exemplo, o mais extenso de Santa Catarina e que está com grande parte já comprometida por aterro para loteamentos (na estrada do Aeroporto) e pela invasão de malocas (em direção ao Campeche), cuja população fica marginalizada do centro da cidade e se instala sobre os mangues. Ali a população despeja lixo, excrementos e toda sujeira própria do lixo urbano, que se mistura ao lodo e se espalha com a enchente da

maré, contaminando os moluscos e crustáceos do mangue, que filtram esses organismos que, por sua vez, afetam os homens que os ingerem. "Isso é um caso sério de saúde pública, que precisa ser estudado com urgência, pois a maioria das micoses, hepatites infecciosas e outras doenças vêm daí".

A falta de planejamento urbano é apontada como um dos fatores que impulsionam as populações de baixa renda para essas áreas consideradas pouco estéticas, na concepção de muitas pessoas. E o descaso pela preservação da natureza, Clarice vê como uma falta de consciência e de

no mangue do Rio Ratoles serviços de drenagem os está matando; no Itacorobi há um aterro sanitário que de sanitário não tem nada. Para aquele mangue se dirige todo o esgoto da Trindade e da Agrônômica, sendo ao mesmo tempo depositadas no local nada menos que 130 toneladas diárias de lixo, compostas não só por lixo doméstico, mas por entulhos, resíduos industriais, hospitalares, que contaminam todo o ecossistema com metais pesados, como o mercúrio, por exemplo, que pode ser letal ao homem.

A professora Clarice diz ainda que um dos maiores problemas a respeito dos mangues é que até hoje não se fez um trabalho que quantifique toda sua potencialidade. A inexistência de dados quantitativos sobre isso é um problema geral de todo o País, explica ela. Com exclusão do Instituto Oceanográfico da USP, localizado em Cananéia, onde se realizam estudos nesse sentido, nada mais existe.

"Fala-se muito da riqueza dos mangues, denuncia-se sua destruição, apontam-se os desequilíbrios advindos da sua extinção, mas até agora ninguém comprovou a quantidade de matéria orgânica e de seres vivos que povoam essas áreas estuarinas, para mostrar, concretamente, o quanto está se perdendo de vida, de energia e de dinheiro nessa escalada suicida e irracional". É esse o objetivo que ela pretende atingir com sua tese de doutorado.



Rio Tavares

educação de nosso povo. "As pessoas precisam se conscientizar do mal que fazem à natureza e do bem que esta nos proporciona. A culpa não é só do governo, é também de todos nós. Ao poder público cabe uma parcela importante em todo esse trabalho, é claro, pois a sua omissão tem contribuído bastante para que esse estado de coisas se mantenha. Não adianta só fazer leis (Na Ilha, a legislação de preservação dos mangues data de 1887, quando estes ainda estavam intactos) nem pregar tabuletas em certas áreas de proteção, se uma ação decisiva não é tomada para evitar a destruição".

"Os aterros dos mangues estão aí sendo feitos;



# arte maconde

Francisco José Pereira,  
catarinense. Advogado, com  
Mestrado em Ciências Políticas  
em Louvain, Bélgica.  
Ex-funcionário da ONU na África

No sul da atual Tanzânia e norte de Moçambique, região da África austral banhada pelo Índico, desenvolveu-se a grande Comunidade Maconde, com características culturais muito próprias que, além de incluir língua e costumes particulares que a diferenciavam das demais comunidades vizinhas, também se caracterizou por um natural gosto e notório domínio da escultura.

A origem da arte Maconde — cuja expressão mais conhecida pelo seu alto valor artístico é a escultura —, teve origem tribal. As máscaras e imagens esculpidas eram então concebidas para transmitir mensagens, fenômenos e crenças tribais cuja interpretação cabia apenas aos membros da própria Comunidade. Contudo, é a *Escultura Moderna Maconde* que desperta nos meios interessados em arte africana a maior atenção, respeito e interesse estético.

O qualificativo *moderno* tem sua explicação no contexto histórico em que se desenvolveu a escultura Maconde. A data das primeiras esculturas maconde é impossível decifrar ou conhecer, mas desde os primórdios da arte de esculpir em madeira dos Macondes, até época mais recente, conhecia-se apenas dois tipos dessa escultura. A mais antiga e tradicional expressava temas e motivos rituais da Comunidade Maconde cujo significado — como dissemos — era para interpretação e gozo exclusivo da própria Comunidade. Com o interesse despertado pelos colonialistas, essa original escultura maconde foi assumindo, no correr dos anos, um caráter profano e comercial destinada a um crescente mercado turístico, mas perdendo, em consequência, graça, expressão e valor artístico. A escultura moderna veio marcar uma nova era na escultura Maconde. Sem a rigidez dos temas rituais, a *Moderna Escultura Maconde* passou a representar temas e fenômenos sociais que descrevem, fantasisticamente, a atual vida da própria Comunidade. Certos meios internacionais interessados pela arte africana foram particularmente atraídos pela riqueza dessas novas formas e concepções.

Segundo estudiosos da arte africana, a *Escultura Moderna Maconde* pode ser classificada pelos seguintes estilos: escultura de tipo *ujamaa*, escultura de tipo *relevo* e a escultura de tipo *shetani*.

O termo *jamaa* significa "família e sentido familiar", mas o termo composto *ujamaa* foi utilizado pelo Partido do Povo Tanzaniano para designar o conceito de comunitário, que então se concretizava no trabalho cooperativo praticado nas Aldeias Camponesas, formas de organização social rural que floresceram naquele país logo depois da independência e do novo projeto político então implantado. O estilo *ujamaa*, na sua

origem, também foi denominado *dimongo*, derivado de *imongo* que, segundo cronistas entendidos na língua maconde significa força, energia, vigor. O estilo *ujamaa* reúne um ou outro conceito, constantemente recriados numa variedade exuberante de traços e formas. Representa, quase sempre, algo mais que um simples "sentido familiar", apresentando, nesses casos, um expressivo conjunto artisticamente esculpido de figuras humanas intimamente entrelaçadas, expressando, de fato, sentimentos de direitos e obrigações sociais comuns determinados pela nova base material de vida, e mostrados, através de um profundo e plástico sentido de coesão e solidariedade física. Essas figuras são talhadas em alto relevo em torno de uma peça de tronco de *pau preto* ou *pau ferro*, expressões que combinam cor, rigidez e peso da madeira extraída de um tipo regional de árvore.

No estilo da escultura de tipo *relevo*, as figuras humanas, em vez de talhadas em torno de um tronco, são esculpidas em cima de uma tábua, de igual madeira e, nesses casos, a escultura enfatiza formas e temas revolucionários ou feitos heróicos referidos ao longo processo da luta pela descolonização e pela independência.

O tipo *shetani* deu grande expressão à *Escultura Moderna Maconde*. São imagens fantásticas, irreais, representações de um mundo tenebroso, imaginativo, grotesco, concebidas e compostas de parte de corpo humano complementada, entrelaçada ou montada sob parte de corpo de animais, dando formas verdadeiramente estranhas, fantasmagóricas. São, contudo, formas próprias de comunicação e sentimento do escultor, na fixação de sua cultura, crenças e misticismo. A expressão *shetani* foi traduzida pelos colonialistas como diabo ou satanás. Contudo, e de acordo com narrativas de escultores macondes, essas expressões não têm, entre eles, o significado e conceito que lhes atribuem as religiões cristãs ou muçulmanas. Existem, para os macondes, os espíritos bons, espíritos maus e os espíritos de animais. O espírito mau, esculpido em figuras tenebrosas, intencionalmente horrendas, de tipo *shetani*, é o responsável pelas desgraças, doenças, calamidades.

Independentemente desses estilos, a Escultura Maconde é inconfundível. As características dessa arte de esculpir e o tratamento dos temas sociais ou místicos expressos em madeira, não permitem ambiguidades: na África, o que não é *Escultura Maconde* não pode com ela confundir-se.



Escultura Moderna Maconde estilo *ujamaa*. Uma variedade de figuras artisticamente esculpidas, ligadas por profundos laços de solidariedade e coesão social, como expressão da base material de vida comunitária. (Coleção do Autor)



Tipo *ujamaa* clássico da moderna escultura maconde. A paz da maternidade e o riso na boca de dentes afilados (conforme então o conceito local de beleza masculina) destacam-se nessa peça maconde. (Coleção do Autor)

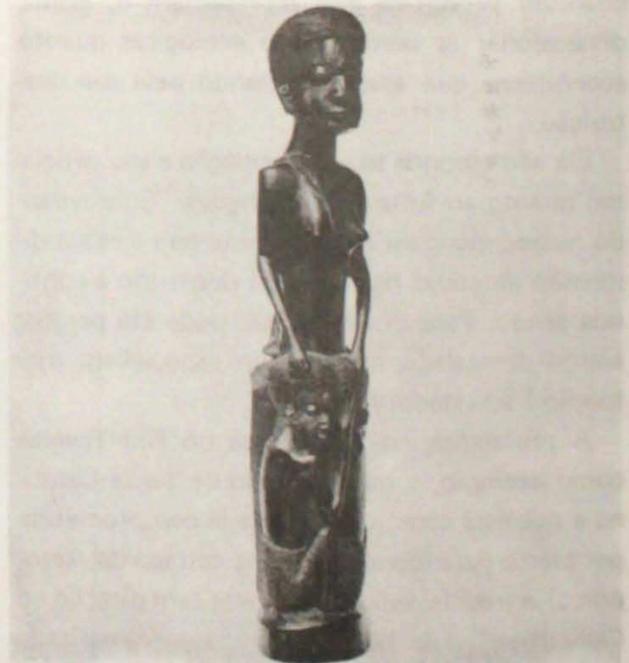


Figura de mulher maconde, com suas tradicionais tatuagens no rosto. Na base, misturam-se figuras humanas e de animais em harmoniosa concepção. (Coleção do Autor)

# Abadon, o exterminador

salim miguel

Em *Abadon, o exterminador*, publicado em 1974, e que agora chega ao Brasil numa edição da Francisco Alves, Ernesto Sabato retoma e amplia as propostas de seus livros anteriores, em especial os dois de ficção. Como num complexo jogo de espelhos, onde as imagens podem ser indefinidamente multiplicadas, aqui não se tem, de volta, apenas Castel, o pintor de *O túnel*, e sua louca paixão por Maria, a mulher do cego, ou Martin e Bruno, Fernando e Alexandra, de *Sobre heróis e tumbas*, todos com seus temores e indecisões, se interrogando e inter-relacionando, mas também, além de outros personagens novos, o próprio Sabato-ele-mesmo, e que é, igualmente, autor e personagem. Ele deixa de ser mera testemunha-narradora e passa a ser mais um personagem, convivendo num mesmo plano com os demais personagens.

Ao romper com estruturas narrativas convencionais, com a linearidade e a cronologia, Sabato tenta penetrar até o mais fundo do ser humano, participando, enquanto autor e enquanto personagem, de toda a trama. Ele cria, em *Abadon, o exterminador*, um livro de profundas indagações existenciais, no qual se envolve da maneira mais completa, envolvendo também os personagens de seus outros livros, com os quais dialoga — e ao interrogá-los se interroga; e envolve, ainda, além de novos personagens, seres que lhe estão bem próximos e com os quais convive no "real", no dia-a-dia. Em certo trecho diz: "Uma novela em que o próprio novelista esteja em jogo. Como um personagem mais, na mesma medida dos outros, que no entanto saem de sua própria alma. Como um sujeito enlouquecido que convivesse com seus próprios desdobramentos".

Para aclarar as razões que levaram Sabato a investigar-se de tal forma, caberia transcrever o que ele declarou em entrevista a Gunter W. Lorenz: "Creio — afirma — que alguém escreve por motivações profundas, obscuras, geralmente irracionais. Para mim, escrever significa uma forma de viver, em verdade de sobreviver, e assim posso dizê-lo. Uma maneira de indagar meus problemas, e os do tempo que me é dado viver e também, naturalmente, os problemas dos homens do meu país".

Em seus livros (ensaio e ficção), e em entrevistas e depoimentos, Sabato tem insistido no fato de ser, como muitos outros criadores, o autor de uma obra única, que se repete como num ritornelo, que se biparte e desenvolve à medida que ele mais se questiona, ampliando seu universo pessoal e sua visão do mundo e dos homens. Assim, para ele, os fantasmas que o perseguem desde *O túnel*, desdobrando-se em *Sobre heróis e tumbas*, vindo desembocar em *Abadon, o exterminador* para tornar a inquietá-lo, são a continuidade de uma mesma obsessão. Obra que procura abarcar a totalidade dos problemas da nossa época, o romance vai se construindo aos poucos, à medida que o leitor nele se integra, caminha e coparticipa de sua construção.

Aqui, porém, há um componente novo. Bem mais do que nos outros livros, realidade e ficção se fundem e confundem de tal modo em *Abadon* que é impossível determinar fronteiras entre um e outro. Para Sabato, parece não existir diferença palpável entre o que é real e o que é inventado. Por exemplo, até onde vai o Sabato real de carne-e-osso e o Sabato personagem de Sabato? A este respeito, em outro trecho do livro, intitulado "Reportagem", há o seguinte diálogo: "— Está satisfeito com o que escreveu? — Não sou tão canalha. — Quem é Ernesto Sabato? — Meus livros têm sido uma tentativa de responder a essa pergunta. Eu não quero obrigá-lo a lê-los, mas se quiser conhecer a resposta terá de fazê-lo. — Pode adiantar-nos o que está escrevendo no momento? — Uma novela. — Já tem título? — Geralmente o conheço no final, quando acabei de escrever o livro. No momento tenho dúvidas. Pode ser *O anjo das trevas*. Mas talvez *Abadon, o exterminador*."

Ao mesmo tempo em que Sabato volta a exorcisar seus fantasmas, há uma reiteração de temas comuns, de vivências que o envolvem, de situações que angustiam o autor-personagem e o remetem para aquele mundo de sombras, subterrâneo, que ele quer apreender em sua totalidade. Numa entrevista a Emir Rodrigues Monegal, diz Sabato que "cada rosto nosso depende do interlocutor". E continua: "Este jogo de ida e volta entre os interlocutores é a realidade". Mais adiante: "Por isto a novelística tem que dar esta zona ambígua intermediária entre os eus". Não somente o que está no eu profundo, mas o que está entre os eus". E pouco depois esclarece: "O homem é um ser que está sempre fazendo projetos, está pensando no futuro. Mas ele está feito de passado e está vivendo no presente. Esta co-presença dos três tempos é o que intentei dar".

Embora esteja se referindo a *Sobre heróis e tumbas*, a colocação é também pertinente para *Abadon*, pois a técnica empregada se assemelha. Se possível, ainda mais elaborada neste último livro. Pois aqui ele nos desvenda ainda mais sua alma, retomando a linha do "Informe sobre cegos" e o denso clima poético.

Para se compreender a profundidade do pensamento de Sabato e de sua perquirição constante é indispensável, além de sua obra ensaística e ficcional, conhecer um pouco de sua vida e de sua formação de cientista e humanista.

Nascido em 1911 em Rojas, província de Buenos Aires, estudou matemática e física em La Plata; mais tarde (1928) recebeu uma bolsa para a Fundação Curie, em Paris. Depois da defesa da tese, foi convidado a trabalhar com Irène Joliot-Curie; a seguir, no Massachusetts Institute of Technology, nos Estados Unidos. Quando mais jovem, havia se filiado ao partido Comunista, do qual em pouco se afastaria por divergências com os métodos políticos. Mas os fundamentos do materialismo o marcariam; a eles viriam se somar conhecimentos científicos, a psicanálise, o existencialismo, e uma enorme inquietação espiritual. Tudo isto ajudaria a compor sua fisionomia intelectual e moral.

De repente, para espanto e indignação do mundo científico, e

quando sua carreira parecia abrir-lhe novos e promissores horizontes numa comunidade tão fechada como a da ciência, eis que abandona tudo para se dedicar à ensaística e à ficção. Muda-se para Santos Lugares, distante do centro de Buenos Aires, ali passa a viver isolado, dedicando-se à sua obra, eterno insatisfeito com o que faz, escrevendo e reescrevendo seus livros. Entrevistado a respeito de quando entregaria os originais de *Abadon* à editora, responde: "Em uma semana ou em cinco anos". A não ser *O túnel*, que ele mesmo encaminhou ao editor, seus dois outros livros de ficção foram praticamente arrancados de suas mãos para os editores, existindo mesmo, sobre isto, um trecho bem explicativo em *Abadon*. E um longo período decorre entre a publicação deles: 13 anos de *O túnel* para *Sobre heróis e tumbas* e mais 13 deste para *Abadon*.

Instigante, tendo entusiasmado escritores do quilate de um Camus, que o recomendou a editores franceses, o primeiro livro de ficção (*O túnel*, 1948), ainda obedece a alguns cânones tradicionais, com personagens e trama que poderiam ser considerados "normais" para os padrões vigentes. É uma história de ciúme, mas que, a uma segunda leitura oferece novos níveis de entendimento, permitindo várias interpretações (num clima aparentemente policial há todo um processo de destruturação psicológica do protagonista, o pintor Castel, e uma neurose de fundo freudiano na relação homem-mulher, com a ambivalência amor-ódio), surgindo também alguns dos temas mais freqüentes na literatura de Sabato: a solidão, o subterrâneo, os cegos, a busca do absoluto.

Já seu segundo livro de ficção (*Sobre heróis e tumbas*, 1961), rompe com todas as fórmulas estabelecidas, para intentar uma abrangência total, alinear e acronológica. São vários temas que se imbricam, aparecendo de maneira mais clara suas obsessões com a umidade, a escuridão, os cegos, a morte, a solidão, a incomunicabilidade humana. Isto tudo é mostrado através de planos paralelos que se interpenetram: o amor de Martin e Alexandra e o amor incestuoso de Alexandra e Fernando; a interferência de Bruno, alter-ego de Sabato e sua visão do que os outros vêem; a marcha do general Lavalle, episódio da história da Argentina; o intrigante e alegórico "Informe sobre cegos", espécie de livro-dentro-do-livro, monstruosa alucinação de potências irracionais; a mescla de passado-presente.

Para Sabato, o que se espera de um escritor, antes de tudo, é que ele esteja em condições de transmitir uma imagem completa e intensa de sua época e de seu meio, com todas as suas contradições e entre-choques; e que faça, ao mesmo tempo, uma literatura que indague sobre a condição humana, sendo mais do que um simples reflexo da realidade.

Portudo isto, prosseguindo em suas investigações a nível de escrita e a nível de reflexão sobre o ser humano, em *Abadon, o exterminador*, Sabato, emprega, indistintamente, o monólogo interior, a narrativa vista de diferentes pontos, a construção contrapontística, misturando tempos e situações, o diálogo direto ou o diálogo dentro do texto, bem como artifícios de linguagem e de estilo, introduzindo, por vezes, ao lado da linguagem erudita a oralidade ou o coloquialismo, intercalando primeira e terceira pessoa. Mesmo referindo-se ao personagem Sabato, o autor Sabato, usa indiferentemente, o eu e o ele.

A estrutura (ou melhor, a destrutura) narrativa de *Abadon*, para ser apreendida e para uma fruição de todas as suas potencialidades, exige uma participação muito intensa do leitor. Exprimando-se e coleando, não há, propriamente, uma história ou fio condutor. Existem histórias fragmentadas, que vão-e-vêm, desaparecem e reaparecem quando menos se espera. O fio condutor mais visível seria o próprio Sabato, as questões que (se) coloca, suas preocupações (inclusive com o ocultismo), as pessoas com quem convive, tanto aquelas que existem num plano de realidade real (sua mulher, seu editor) como aquelas que transitam de seus livros anteriores: um Castel e uma Maria, um Martin e uma Alexandra, um Fernando e um Bruno, e que existem num plano ideal de realidade, ou ainda as que ele vai criando no decorrer do livro.

Ainda num outro enfoque, poder-se-ia dizer que o personagem principal é a cidade de Buenos Aires, sua gente, suas ruas, becos, praças, bares, edifícios. Aqui, o exemplo que logo nos vem à mente é o de um Joyce ou um Cabrera Infante. Se em *Ulisses* é Dublin e em *Três Tristes Tigres* é Havana, em *Abadon, o exterminador* é, sem qualquer dúvida, Buenos Aires que nos surge em toda a sua complexidade.

Outra explicação possível seria a de Z. Nelly Martínez, ao dizer: "em *Abadon* se profetiza o devastamento de toda uma civilização. Evocando a figura do quinto anjo vingador do Apocalipse segundo São João, a novela reitera a abertura do sétimo selo. Anuncia o crepúsculo de uma civilização ocidental e o surgimento de uma era espiritualmente superior." E continua: "*Abadon* resulta, assim, numa esclarecedora metáfora de uma ameaça condenação, por um lado, e do processo criador, por outro."

Através de cartas, depoimentos, trechos extraídos de jornais, entrevistas, diálogos soltos, fragmentos de histórias, histórias dentro da história (como o episódio da morte de Che Guevara, para citar um só exemplo), de situações que se esboçam para serem abandonadas de vez ou retomadas, de Sabato-ele-mesmo-autor, Sabato-como-o-personagem-de-Sabato, Sabato-por-intermédio-de-seu-alter-ego-Bruno, procura-se envolver o leitor, arrastá-lo para aquele universo de símbolos e de alucinações, de descida aos abismos, fazê-lo também personagem-autor e coparticipa da trama. Das tramas.

Há no livro uma comparsaria enorme, composta de personagens de seus livros anteriores, de pessoas "reais", de sua mulher, de seus leitores, dos editores, dos tradutores, de estudantes que o buscam para entrevistas, de jornalistas e estudiosos de sua obra que querem esclarecimentos — o que cria um ritmo caleidoscópico.

Sabato procura uma revelação e uma reavaliação da realidade tanto exterior como interior. E se há episódios risíveis, como os pas-

siões e a falsa erudição do cronista social com seus cacoeiros, e outros profundamente dramáticos na sua violência (confirmando a força de narrador de Sabato), como o da tortura e morte de Marcelo na prisão, há ainda outros que dizem bem de perto aos criadores de ficção, como o do personagem que não quer ser personagem e se rebelou contra o autor.

Já na primeira frase do livro Sabato procura nos introduzir em seu universo. Diz ele: NA TARDE DE 5 DE JANEIRO, de pé no umbiral do café da esquina de Guido com Junin, Bruno viu Sabato vir, e quando se dispunha a falar-lhe sentiu que um fato inexplicável se produziria: apesar de manter o olhar em sua direção, Sabato continuou como se não o tivesse visto. "É preciso lembrar que Bruno, que aparece logo na primeira linha, não só é personagem de *Sobre heróis e tumbas*, como o alter-ego de Sabato. E aqui seria bom acentuar dois fatos: primeiro, que para a melhor apreensão do universo ficcional e da preocupação formal e conteudística de Sabato há necessidade de se conhecer seus três livros de ficção, se possível na ordem em que foram publicados, a partir de *O túnel*, fechando o tríptico com *Abadon*; e segundo, que com esta abertura ele já procura aproximar o leitor do autor-personagem Sabato.

Como uma floresta intrincada e fechada, mas que possui uma picada que é necessário descobrir, enxergar as pequenas marcas no emaranhado que é preciso saber ver onde estão ao longo do livro Sabato vai deixando indicações de sua proposta narrativa, do mundo no qual nos quer introduzir. E é ainda nas primeiras páginas do livro que esclarece: "Escrever ao menos para eternizar algo..."; para logo depois reconsiderar que talvez isto seja necessário para gente como ele, "incapaz desses atos absolutos da paixão e do heroísmo." E adianta seu pensamento: "Porque nem aquele jovem que um dia se pôs fogo em uma praça de Praga, nem Che Guevara, nem Marcelo Carranza, tinham necessidade de escrever." E vem então a melancólica constatação: "Por um momento pensou que talvez (o escrever) fosse o recurso dos impotentes."

Aqui, ao mesmo tempo em que se interroga sobre o ato de escrever (e a importância ou não do ato de escrever), Sabato deixa patente outra indicação para o leitor. Na mistura do real e o ficcional, que para ele não se diferenciam, quer, de novo, que o leitor se integre e se entregue ao seu mundo mítico. E o que intenta então? Ele mesmo o diz: "Uma novela sobre essa busca do absoluto, essa loucura de adolescentes mas também de homens que não querem ou não podem deixar de sê-lo: seres que em meio ao barro e ao estrume lançam gritos de desespero ou morrem lançando bombas em algum rincão do universo."

Num capítulo intitulado "Algumas confidências feitas a Bruno", reiterativo, volta Sabato a se explicar e a explicar sua arte e como a realiza. Procura justificar os cortes e acréscimos na realização do episódio sobre a marcha de Lavalle (de *Sobre heróis e tumbas*), onde, dominado pelo demônio da perfeição, começa a riscar adjetivos e advérbios, que lhe propiciam a modificação de uma modificação. Diz: "Quando escrevo ficção operam sobre mim forças que me obrigam a fazê-lo e outras que me retêm ou me fazem tropeçar. Daí estas arestas, estas desigualdades, estes contraditórios fragmentos que qualquer leitor refinado pode notar." Bruno passa a ser, então, como que a consciência de Sabato. Ele ("ele" quem, é de se perguntar, Sabato ou Bruno?) quer deixar bem claro que "um homem é uma totalidade, uma estrutura, onde cada parte não tem sentido sem o todo." Exatamente. E isto é válido também para *Abadon*, com todo o seu barroquismo: nenhuma parte do livro tem validade ou sentido sem o todo como uma unidade intrínseca e inseparável.

Lúcido como poucos criadores do nosso tempo, Sabato diz não entender como o próprio autor pode, por vezes, ignorar certas coisas; mas que, sem dúvida, "há realidades que só podem se expressar por símbolos inexplicáveis..."

Não é possível dissociar o ensaísta de *Hombres Y engranajes*, El escritor Y sus fantasmas, *Tres aproximaciones a la literatura de nuestro tiempo*, do ficcionista. Ambos se conjugam para criar uma personalidade de extremo fascínio e complexidade, que não teme nem mesmo falar de suas múltiplas influências literárias, reportando se freqüentemente a elas, lembrando o que deve, entre outros, a um Stendhal ou Flaubert, um Faulkner ou Thomas Mann, um Cesare Pavese ou Musil, um Dostovievski ou Kafka, um Camus ou Sartre.

Exigente consigo mesmo, Sabato é por igual exigente com os outros. Daí a preocupação com a tradução de sua obra: quer que ela tenha uma correspondência, em outro idioma, do que ele lutou por transmitir em espanhol. Por isto mesmo, não sabemos como receberá a tradução deste *Abadon*. Há nele falhas flagrantes, numerosos espanholismos, estranhas impropriedades e incorreções, que não se justificam e empobrecem o texto. Citaremos apenas alguns exemplos:

"Desde a obscuridade que lhe favoreciam as árvores da Avenida del Libertador..."; "Não lhe era possível jamais compreender que queria nem para onde se dirigia..."; "Natalicio Barragán apressou seu copo de cachaça e saiu titubeante..."; "Alguma vez havia dito a Martin que podia ocorrer cataclismos em terras distantes..."; "Em que lhe tocava este sujeito?..."; "O imaginava dirigindo desde..."; "O havia imaginado magro e Nenê era gordo e fofo..."; "O recorde sempre unido..."; "Vendo a alguém conhecido..."; "Descrições do inferno que nos aterrorizava..."; "esta luta a venho livrando durante anos..."

Falhas lamentáveis, pois se *Abadon* não se entrega a uma primeira abordagem e exige atenção para as suas nuances e "armadilhas" formais, tais impropriedades dificultam ainda mais o entendimento de um livro repleto de sugestões e recorrências, além de não nos transmitir o seguro manejo da língua, tão característico da prosa de Sabato.

# CONCURSO

## CONCURSO PERMANENTE BOI-DE-MAMÃO REGULAMENTO

Os trabalhos premiados serão aqueles selecionados para publicação no "Boi-de-Mamão" e o autor receberá como prêmio Cr\$ 1.000.00 (hum mil cruzeiros).

### Condições:

Contos e Poemas - datilografados em espaço dois, em três vias. Tema livre.

Fotografia e Cartum - uma via, 18 x 24, em preto e branco. Tema livre.

Reportagem - Mínimo de 4 (quatro) laudas de 20 (vinte) linhas, datilografadas em espaço dois. Tema catarinense.

Os concorrentes deverão indicar nome completo, endereço e CPF, para efeito de remessa dos prêmios por cheque.

Os trabalhos deverão ser remetidos à Fundação Catarinense de Cultura - Concurso "Boi-de-Mamão" - Rua Victor Konder 71 - 88.000 - Florianópolis, SC

## DA REVELAÇÃO Eulália Maria Radtke (Blumenau - SC)

- I -

Sei que o amor é travo  
silêncio e seiva,  
assim como o vinho  
esquivo e acuado na geometria da boca.

- Casei-me com vontade  
e sorvo devagar a minha taça  
neste brinde à hora do cio.

Dá-me tua mão ferida  
e vamos conversar,  
não para fazer "Campanha da Fraternidade",  
(porque também choro sob o sol deste país)  
mas para ressuscitar esperanças interrompidas.

- II -

Há uma rua (ainda) de minha infância  
que declara a falência humana  
aos impostos dos homens.

- Não sou autora deste projeto.  
Meu inventário é feito

de sonhos e de corpos frágeis,  
lavados na pia batismal de cada angústia.

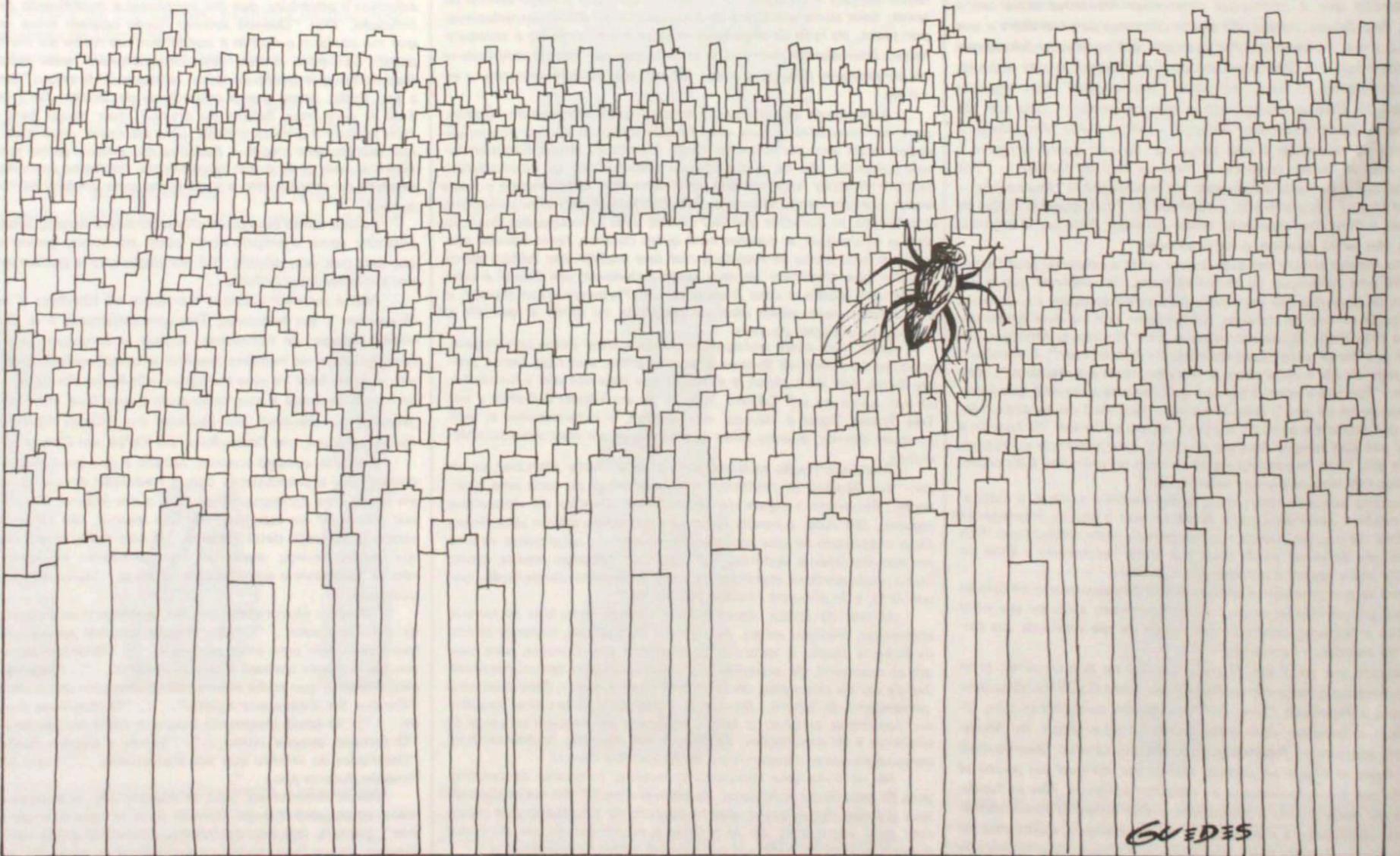
- III -

Todas as tardes alguém nasce na vida.  
E todas as tardes o tempo  
se curva aos veículos das  
determinações.  
E todas as noites teu portão se abre  
e a tua ave predileta canta  
por danificarem tanto o amor.

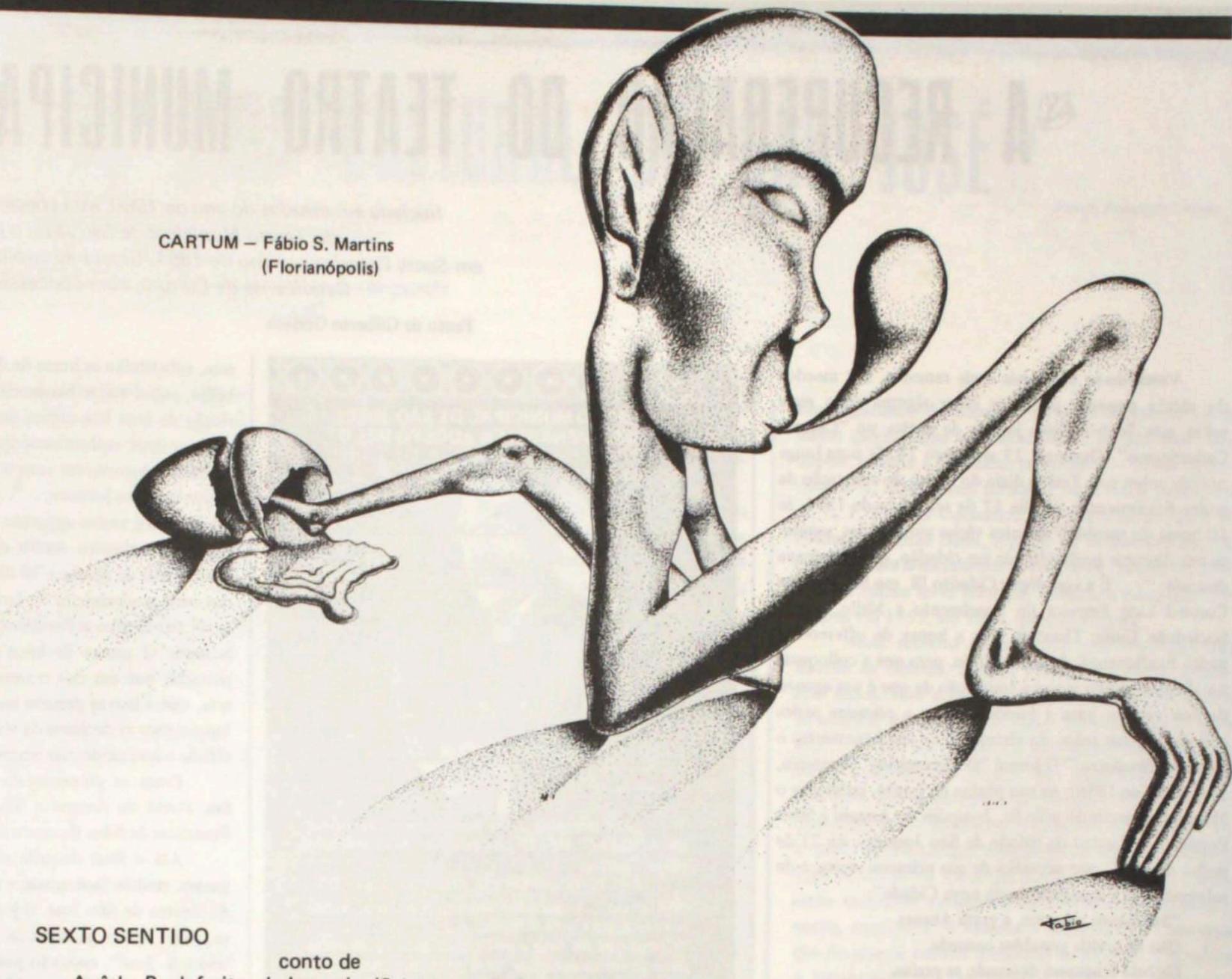
Nunca te disse alguém  
que és sublime?

Deixa-me cantar,  
a ave de prata nos sobrevoará  
quando estaremos completos.

CARTUM - João Batista Félix Guedes  
(Tubarão, SC)



CARTUM — Fábio S. Martins  
(Florianópolis)



## SEXTO SENTIDO

conto de  
Ayêska Paulafreitas de Lacerda (Salvador — BA)

Postura de parêntesis, camisetinha curta mostrando parte da barriga, chegava sem ser visto. Os olhos corriam de uma para outra pessoa presente, num cumprimento tímido, depois procuravam um lugar para largar o corpo comprido. Qualquer um servia; estava acostumado a aceitar o que viesse. Geralmente sentava no chão, esticando as pernas de lagostim e as recolhendo quando alguém queria passagem.

Ela, não. Tinha que ser a estrela. Brilhando como as falsas pedras das fantasias de carnaval. Era: òi amor, òi meu bem, òi querido, uma palavrinha de intimidade para cada um, no mesmo tom em que as dirigia ao Galo.

— Galo é um trouxa — dizia Silvinha — faço dele o que quero.

Fazia mesmo. Ele, conformado. Nascera para ser mandado. Pela sogra, cunhadas, vai ver até a filha mandaria nele. Quem sabe? Talvez não fosse como a mãe, puxasse ao pai.

— Que pai? — O Galo, ora! — E você acredita mesmo que o Galo é o pai da menina? — Bom, pelo menos ele é o marido dela. — Que que tem isso a ver com paternidade? Ela foi pra cama com tanta gente. . . talvez nem ela própria saiba quem é o pai da criança. — Minha é que não é: sou nêgo de pai, mãe, vô, vô e o resto; a garota é branquinha feito papel! — Quando ela engravidou, andava muito com aquele de olho verde. . . — Guilherme? — Sei lá! Tô lá querendo guardar nome de homem? — Pra mim é do chefe; ele não quer botar outra lá, é cheio de xodó por ela. — É, ele não perdoa fora de ninguém, mas quando o erro é dela, diz sempre que é uma pequena falha, imperceptível. — Mas aquele coroa barrigudo? Se ele deita em cima dela, esmaga. — Ele em cima dela? Você tá por fora, bicho, a gata está em outra! — Como é que você sabe? Você também?! — E quem não? Não vem com cara de santo me dizer que foi o único. . .

Eu tinha sido o único. Todos podiam ser pai da filha de Silvinha, menos eu e o marido.

Regina bem percebera; andava com ela atravessada na garganta. Mal conhecera Silvinha, já a chamava safada. Ciúmes daquela debilóide! Uma macaquinha com beribéri, apertando os olhos ao falar, pra fazer charminho ou disfarçar o ligeiro estrabismo. Além do mais era uma tripa; lembrava uma

vagem, lâmina de perfil. Maluquinha. O exibicionismo, apenas artifício de criança que quer chamar a atenção. Tudo sem malícia, só coisa de criança, foi o que sempre supus e defendi.

Agora estava surpreso e preocupado: se ela andara com todo mundo, por que não comigo? Foi com branco, preto, moço, velho, feio, bonito. Por que não se abriu pra mim? Pô, sou um cara normal, bem apessoado, o ponto certo do meio termo! Talvez seja este o erro: a franguinha não gosta de meio termo.

Na lista de Silvinha havia puxador de fumo, cabeludo piolhento (sei lá, pelo menos parecia), o das pernas de cow-boy, motoqueiro suicida, Bafo de Onça, Fariseu, Cascavel. Eu, apenas um cara comum, um simples técnico que dá conta do seu serviço, sem grandes vícios, comedido, e mais nada. Sou um cara certinho, miseravelmente certinho.

— Regina, eu sou um cara comum?

Ela ficou parada uns segundos refletindo.

— Pra mim, você é ótimo.

— Faça de conta que não é casada comigo. Quero que me analise só como uma mulher. Eu sou um chove-e-não-molha?

— O que deu hoje em você? Nunca o vi preocupado com isso.

— É que de repente comecei a me sentir diferente esquisito. . .

— Diferente, sim; esquisito, não.

Confirmou minha impressão. Eu era diferente dos outros, dos que despertavam o interesse de Silvinha. Mas não era esquisito; ela gostava de excêntricos.

Mudar um pouco. . . Talvez o corte do cabelo, as roupas. . . Hum, o palavreado. . .

Regina me olhava, desconfiada. Lógo a quem fui perguntar! Teria que dar duas explicações: uma a mim, outra a ela.

— Quem lhe disse que você é comum?

— Ninguém. Eu é que comecei a pensar nisso.

— Por que?

— Não sei. . . porque me senti assim.

— Alguma coisa o levou a isso.

— Não houve nada, droga! Foi só um pensamento. Será possível?! Não posso mais pensar?

— Depende.

— Depende do quê?

— Do pensamento. Quem pensa já está fazendo a metade. E quem faz a metade é tão culpado quanto quem faz inteiro.

— E o que foi que eu fiz de errado?

— Por enquanto, acho que nada. Está só pensando em fazer.

— Fazer o quê?

— Isso em que você está pensando.

— Ah, você não entende nada! Metida a sabichona, não sabe de nada!

— Bom, saber eu não sei mesmo. Estou pressentindo que alguma coisa está para acontecer. Meu sexto sentido me avisa, eu pego no ar. E ele nunca me enganou.

— Desta vez, seu sexto sentido foi pra cucuia.

— Pode ser. . . mas eu prefiro confiar nele.

— E desconfiar de mim?

— Há razões para eu desconfiar de você?

— Não! Você é quem está dizendo que aconteceu alguma coisa, que eu estou diferente.

— Vamos voltar ao princípio: você chegou em casa me perguntando se era um tipo comum, não fede nem cheira, ou coisa parecida. Depois disse que estava se sentindo diferente. Afinal, é comum ou diferente?

— Eu nem sei mais!

— Pra mim, não existe uma só pessoa igual a você. Você tem um certo quê. . . passando as mãos pelo meu pescoço — mas é um homem dentro dos limites da normalidade. Era só isso que queria saber?

Ficou me olhando bem no fundo dos olhos, tentando descobrir.

— Vai me dizer o que aconteceu hoje, ou não vai? — insistiu

— Esperta! Virei-lhe as costas, um meio de fugir. Eu estava quase me entregando. . .

Pensei no diabrete da Silvinha. Vieram-me à lembrança os fogos de artifício. Explosão, luzes, cores, espetáculo bonito para todo mundo ver. Para todo mundo. . . Depois da queima, apenas o cartucho de papelão, vazio e queimado de pólvora. Por isso aquele ar de mormaço do Galo.

Sou um cara comum, com uma mulher bem diferente.

Aventurei um olhar para Regina. Tranquilamente calada. Com a segurança de quem saboreia uma vitória.

# A RECUPERAÇÃO DO TEATRO MUNICIPAL E UM

Iniciada em meados do ano de 1980, está chegando ao fim a recuperação do Teatro Municipal de São José, o primeiro a ser construído em Santa Catarina, no ano de 1854. Graças ao apoio recebido pela Fundação Catarinense de Cultura, com concessão de uso por 10 anos, em

Texto de Gilberto Gerlach

Voltando-se a tempos mais remotos, aos meados do século passado, podemos saber alguma coisa mais sobre este Teatro. Pelos jornais de então, no "Correio Catharinense" (Desterro, 19 setembro 1854), uma longa notícia sobre este Teatro dizia do termo de colocação da pedra fundamental, no dia 17 de setembro de 1854, às 10 horas da manhã. Presentes várias autoridades, seguiu-se um discurso proferido por um cidadão, que terminava dizendo: "... É a vós, digno Cidadão Ill. mo Sr. Tenente Coronel Luiz Ferreira do Nascimento e Mello, que a Sociedade União Theatral, tem a honra de offerecer a pedra fundamental de seu edificio, para que a colloqueis no alicerce, tendo assim a convicção de que é um agouro de boa ventura para a Sociedade, ser a primeira pedra collocada pelas mãos da virtude, e de tão benemérito e honrado Brasileiro." O jornal "O Mensageiro" (Desterro, 2 de julho de 1856), na sua página de frente, publicava o Monólogo "recitado pelo Sr. Joaquim do Amaral e Silva Ferrão, no Theatro da cidade de São José, no dia 21 de junho de 1856, por occasião de sua primeira récita, e de solemnizar-se a inauguração da nova Cidade":

"Saudemos a festiva, a grata Aurora  
Que de gentis grinaldas coroada,  
Da bela Itaguassú doirando as praias,  
Hoje risonha e prazenteira assoma.  
Saudemos este dia, sim saudemos  
Este dia a glória, que exaltando  
De SÃO JOSÉ a inclita cidade  
Entre seus filhos o prazer derrama.

Em seguida fez-se patente a effigie de SM o Imperador, que foi saudada com entusiásticos vivas, ao som do Hino Nacional, executado pela Banda local, dirigida pelo maestro Alberto Rickler e entoado por alguns cidadãos. Franc de Pauliceia, vindo de Desterro, também recitou uma produção de sua veia poética.

Chegara então o momento de subir à cena pela primeira vez da história deste Teatro, a peça intitulada "O MONGE DA SERRA D'OSSA". Após os aplausos pelo desempenho deste drama, foi apresentada uma farsa, "AS IMPUGNAÇÕES", coroando a festiva noite teatral.

São José tivera sua elevação de Vila à Cidade a 3 de maio de 1856, quando então comunicara à Assembléa Legislativa Provincial o Presidente da Província Dr. João José Coutinho. E este ato viria a adquirir foro real exatamente no dia da inauguração do Teatro, pela manhã, na Casa da Câmara. Passados quase dois anos e meio, o semanário "O Cruzeiro do Sul" (Desterro, 16 de setembro de 1858) dedicava longo artigo a título de colaboração, onde falava de início que os governos cultos deveriam dar impulso tanto na edificação como na manutenção de teatros. Após uma longa explanação sobre a necessidade de distrair e aculturar o povo, dizia: "... Aqui (em São José) temos nesta exposição um frisante exemplo: appareceu a excellente idéia de se edificar naquella cidade um theatro para representações dramáticas; ... dous negociantes e dous empregados públicos, à testa dessa empreza, tornarão-se artífices, e cada um segundo a natural habilidade que excitava-lhe o desejo de se presta-

## THEATRO MUNICIPAL DE SÃO JOSÉ: UMA HOMENAGEM A ADOLFO MELO



Será prestada uma homenagem ao nome de ADOLFO MELO por ocasião da reabertura deste Teatro.

Em correspondência recebida pelo "Boi-de-Mamão", o escritor Almiro Caldeira, assim se refere, de Porto Alegre:

"Chega-nos da Ilha a notícia de que, restaurado pelo governo estadual, será em breve reaberto o Teatro de São José, inaugurado a 21 de junho de 1856 em meio aos festejos da emancipação do município.

"... Além de ser recuperado — fato que revela o carinho que a atual administração do Estado dispensa aos assuntos culturais — o Teatro de São José deverá denominar-se ADOLFO MELO. Justa e adequada a homenagem que se pretende prestar ao exímio violinista e admirável maestro que tanto honrou sua terra natal ante o triunfo de sua arte maravilhosa. Desde muito cedo, Adolfo encantou a platéia desterrense com o seu virtuosismo, e isto nos confirma o saudoso historiador Oswaldo R. Cabral inserindo no estudo que elaborou acerca da "Música em Santa Catarina no Séc. XIX", um programa de sarau musical realizado em 1879 em benefício das obras do Hospital de Caridade. Dele consta um número daquele já notável intérprete, então nos seus 18 anos.

Autor de cerca de 30 peças musicais, fundador e regente da Orquestra de Câmara do Clube Doze de Agosto, Adolfo participou de muitos recitais, sendo de destacar os promovidos em favor da Campanha Abolicionista, quando se apresentou ao lado do poeta Cruz e Sousa em saraus lítero-musicais.

Conhecido e aplaudido no Rio de Janeiro, onde integrou a Orquestra Sinfônica, pouco ali se demorou, preferindo recolher-se à quietude da sua bucólica São José para melhor e mais intensamente viver os arroubos de sua lira.

"Insulado no rincão natal, vivendo a sós com o seu gênio, sentindo apenas o calor dos aplausos de contemporâneos" — no dizer de Laércio Caldeira de Andrada — optou pelo puro ideal de arte que, como um fanal sagrado, legou a seus descendentes, dentre os quais citamos os bisnetos Maurício e Roberto, belas promessas de altos vãos musicais.

E fez a boa escolha, cultivando serenamente as emoções da mais vívida sensibilidade, as quais "só através da música — o conceito é de Overstreet — podem ser sentidas no que têm de universal."

rem, substituíam as horas de descanso pelas daquelles trabalho, sob a maior harmonia e alegria que produz a convicção de uma boa acção; os próprios operários, inspirados por igual entusiasmo quizerão partilhar a gloria de tambem concorrerem com o seu contingente, prestando-se por módicos jornaes; ...". "... e eis que apenas decorridos quatro annos apparece edificado na praça daquella cidade um theatro muito elegante com 50 palmos de frente, 130 de fundo e 36 de altura, contendo duas galerias com gradeamento de ferro para as Sras., um camarote na frente para a Presidência e espaçosa platea para os homens. O panno de boca e as diferentes vistas forão pintadas por um dos nossos mais habéis mestres dessa arte, que a isso se prestou mediante uma pequena contribuição para as despesas da viagem. E assim possui aquella cidade o que ainda não temos nesta capital!"

Eram os pioneiros da construção deste teatro os Srs. David do Amaral e Silva, Manoel Pinto de Lemos, Francisco da Silva Ramos e João Clímaco.

Até o final daquele século, muitos dramas portugueses, muitos ilusionistas e mágicos passaram pelo palco do Teatro de São José. O jornalzinho "A Idéia" (Desterro, julho 1899), publicando uma "Descrição de um passeio a S. José", assinado por IAL, em certa altura dizia: "... Fomos ao Theatro, onde encontrei o meu amigo Álvaro Tolentino, com quem conversei largamente. Tive o prazer de ver o Theatro, pela segunda vez não como estava a primeira, mas como não se pode mais exigir, graças aos esforços empregados pela digna S. D. 21 de agosto, à qual, aqui deixo os meus cumprimentos, à nova sociedade, que em tão pouco tempo tem mostrado o que se chama — União —, e esta união empregaram à uma aventura mui árdua afim de conseguir o novo Theatro Josephense. É pequeno, mas está bem reconstruido. Estivemos no Theatro alguns minutos, e durante este tempo conversamos amistosamente de theatrices. Retiramo-nos do dito Theatro, com a mais satisfatória impressão."

Portanto, já em 1899 ou alguns anos antes, o Theatro Municipal sofrera uma primeira reforma, acreditamos, internamente.

A inauguração da luz elétrica em São José data de 9 de novembro de 1913, poucos anos após a instalação elétrica na já denominada Florianópolis. Com o raiar do novo século appareceria uma nova invenção das artes cênicas, o Cinematógrafo, com sua primeira exhibição em Paris, 1895. Florianópolis, já em 1903, conhecia esta arte da imagem em movimento. Igualmente em São José eram realizadas sessões do Cinematógrafo, às escondidas dos fiscaes, com os exhibidores vindos por lancha e atracando no trapiche da praça. Muitos dos filmes exhibidos no cinema "Ponto Chic" da Praça XV, da Empresa Moura & Cia., eram levados até São José e apresentados no Theatro.

Em crônica datada de fevereiro de 1913, assinada por um certo K-ZUZA, em tom de galhofa, ele dizia: "... Na nossa querida terra os abelhudos abundão (salvo seja), os que querem ser chefes e fazer figura. São José civiliza-se e os banquetes não primão pela ausência, verbi gratia o que assisti em casa do meu distincto amigo capitão Nicolau Kretzer, offerecido a comissão do núcleo

# CAPÍTULO DA VIDA CULTURAL DE SÃO JOSÉ

Fotos: Fernanda Telles

*contrato feito com a Prefeitura Municipal de São José, o antigo prédio não estará legado ao termo de ruína, nem tampouco esquecido, como estava nos últimos 20 anos, abrigando precariamente as sessões cinematográficas do "Cine Rajá"*

Esteves Junior. O menú foi irrepreensível, o serviço culinário era invejável, os vinhos, licores e charutos de Havana erão servidos em profusão, foi um Deus nos accuda. Poderá. Isto tudo coincidiu com a promoção do meu illustre amigo ao posto de capitão. Assim vamos vivendo, vendo e aprendendo. Por exemplo, no Cinema de sábbado notamos a pose do nosso tabellião Francisco Rosa que, ao lado do Sr. delegado de Polícia parecia um secretário

rústico, coberto com telhas de goiva, com uma pequena platibanda em sua parede frontal, que sofreria um acentuado acréscimo, com vários elementos decorativos, balaustrades, compoteiras, capitéis em estilo neoclássico.

A inauguração, prevista para janeiro 1925, seria realizada somente no dia 31 de maio de 1925, conforme notificou o jornal "O Estado" (Florianópolis, 3 de junho 1925): "Foi inaugurado domingo, o Theatro da vizinha

rior totalmente desmontado, servindo de guarida aos soldados gaúchos que se estabeleceram em São José. Anos depois voltaria a funcionar novamente — como teatro e cinema —, onde foram levadas à cena várias peças locais do G. P. Recreio Dramático, sob a direção de Dante Natividade. A firma Daux, a partir da década dos anos 40, movimentava intensamente as sessões de cinema, até 1953, quando sofreu nova reforma. Voltaria a funcionar como cinema em 1955, até 1979, quando fechou.

Nesta reforma empreendida pela Fundação Catarinense de Cultura, a parte externa do prédio manteve suas linhas, com alterações nas portas e janelas, voltando ao original. Internamente, foram acrescentados 3 sanitários, 2 no hall da platéia e 1 nos bastidores — peças que nunca existiram no prédio. Sua capacidade na platéia será para 120 pessoas, na galeria para 50 pessoas. Nos bastidores serão instalados 2 camarins e 1 sanitário, com o palco apresentando dimensões de aproximadamente, 9,00 m x 6,00 m. Além das funções de Teatro e Cinema, serão realizadas apresentações de conjuntos folclóricos, corais, orquestras de câmara — estimulando a apresentação de grupos teatrais amadores de São José e arredores. A inauguração está prevista para o dia 17 de setembro de 1981, data em que o Theatro Municipal de São José estará completando 127 anos do lançamento da sua pedra fundamental.



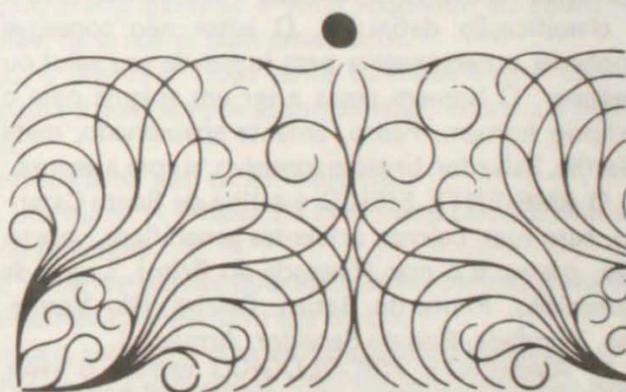
de legação. Aproveita inhô Chiquinho enquanto Braz é thesoureiro. A propósito do Cinema. No domingo, o Macário disse-me que o velho casarão do Theatro quase desaba, tal era a quantidade de moscas que mordiam as pernas dos espectadores. Batiam tanto com os pés para afugentá-las que a coisa chegou ao auge do desespero. E a polícia? Ora a polícia! Fez levantar aos que estavam sentados para dar logar a outrem, quando os bilhetes não são numerados. Isto tudo disse-me o amigo porque a música não queria tocar durante o espetáculo, e sim contemplar estática a bella fita. Se não fosse o Sr. presidente da Liga, os assistentes não teriam ouvido os sons melódiosos de uma única valsa, até terminada a função. Edificante."

Era o cinema mudo, no incio acompanhado pelo som de orquestras contratadas, depois substituídas por uma pianola de corda, até ao advento do som. As encenações dos dramas portugueses do séc. XIX começavam a ser substituídos pelos "films".

A reforma que transformaria a arquitetura externa do prédio do Theatro Municipal seria realizada no ano de 1924, sob a orientação do engenheiro Defendente Rampinelli, cidadão josefense. O jornal "A República" (Florianópolis, 24 de dezembro 1924) dava a seguinte nota: "Está passando por grandes reformas o Theatro Municipal da vizinha Cidade de São José. Com as obras projetadas, tornar-se-á uma magnífica casa de diversões, compatível com o adiantamento do povo josefense. A inauguração do Theatro Municipal será em Janeiro próximo." Foi quando o antigo casarão em estilo colonial português

cidade de São José, que passou por grandes reformas, sendo quasi tudo reconstruído, apresentando agora agradável aspecto. No Theatro funciona o "Cine York", da empresa Philomeno & Espíndola, que, para o acto da inauguração, passou os films "Fé e Coragem" e "Valente", sendo abrilhantado o acto por uma bem afinada orchestra. Na noite da inauguração o Theatro esteve repleto."

Com a revolução de 1930 o Theatro teve seu inte-



# Singradura

Boi-de-Mamão publica nesta página o trabalho premiado na Maratona Cultural "A Escola Participa", realizada pela Fundação Catarinense de Cultura em 1980 e destinada aos alunos de 2o. grau de Santa Catarina. O vencedor, Milton Dalmagro, estuda Contabilidade no Colégio Estadual "Toneza Cascaes", Orleans, SC, e teve o seu trabalho selecionado pela professora Tereza Mazzucco Mazurana.

A Comissão Julgadora da Maratona foi constituída por: Dulcinea Camilo Pickler, representando a Secretaria da Educação; Amílcar Neves, representando a Associação Catarinense de Escritores e Edy Leopoldo Tremel, representando a Academia Catarinense de Letras. O livro sugerido pela Fundação Catarinense de Cultura na Maratona/80 foi SINGRADURA, de Flávio José Cardozo.

— Milton Dalmagro —

"Singradura" é um livro de Literatura Catarinense, de Flávio José Cardozo. Premiado no 1o. Concurso Nacional de Contos do Paraná. Lançado em 1970 (Editora Globo). Tem 220 páginas, 14 x 21, capa flexível. É um conjunto de vinte estórias de títulos altamente sugestivos, sendo a última, SINGRADURA, a que lhe empresta o nome.

Baseados em Nelly Novaes Coelho e Megale, e supervisionados pelo professor de Português, procuraremos desenvolver, a contento, a análise da obra.

No ENREDO, os fatos não se sucedem na ordem cronológica em que aconteceram. Os acontecimentos do passado misturam-se com o que está acontecendo no presente, determinando uma estrutura ilógica, fragmentada, revelando um mundo que o autor não compreende bem, não consegue conhecer direito e no qual se sente como que perdido. Para essa fragmentação existe uma razão: a crise de transformação por que passamos desde o início do século ("Primeiro, cessa o banjo. Carlos Borges pensa inteligível: estavam numa noite opressiva". "A infância aparece e traz banho de entrudo").

Todos os PERSONAGENS recebem nome, às vezes criados pelo autor: Emerência, Ingarda, Alícia, Olindona, Mingotinho, Quincha, Mandarim. São transparentes, indefinidos e ambíguos, sua aparência física raramente é revelada e seu caráter resiste à classificação definitiva. O leitor não consegue conhecer o personagem para julgar de seu valor ou desvalor. O homem passa a ser um enigma para o próprio homem: Pedro, amante apaixonado, mata Marília. Salvador, bruto e agressivo, ri com a esposa.

O AMBIENTE FÍSICO é a Ilha de Santa Catarina, suas ruas, bairros, acidentes geográficos, vegetação, praias, e o mar (Enseada do Brito), Lagoa da Conceição, Ponta do Retiro, Caieira, Rio Vermelho, Trindade, Rua do Servidor, Armação).

O AMBIENTE PSICOLÓGICO retrata o viver próprio, primitivo e rude do ilhéu, marcado pela realidade cotidiana, pitoresca e humana, numa visão crítica onírica do mundo, próprio dos menos favorecidos, funcionando como índices de vivência lírica e trágica. É o ponto comum a todas as estórias. O Espaço Físico se dilui, raramente aparecem descrições nítidas. O espaço vital, o ambiente em que os personagens circulam é mais atmosfera do que lugar concreto: "Ah, que este mundo é um gozo. . .". "E o mar crescendo, no ritual da maré alta, roubará todo o sonho e toda a espera, e a singradura viverá bilênios. "Do ambiente circundante se destaca um objeto, um elemento qualquer, que se transforma em núcleo gerador do drama ou da emoção veiculada pela narrativa: "O cavalo do santo, bem posto na estatueta. . ."; "Na parede, Mandarim sorria".

Quanto à ESTRUTURA da NARRATIVA, percebe-se que os contos são surrealistas: estrutura circular labiríntica, não conta nenhuma história ou acontecimento específico, nem se percebe claramente começo, meio ou fim. Prosseguindo desconexadamente, fluem num longo monólogo quebrado

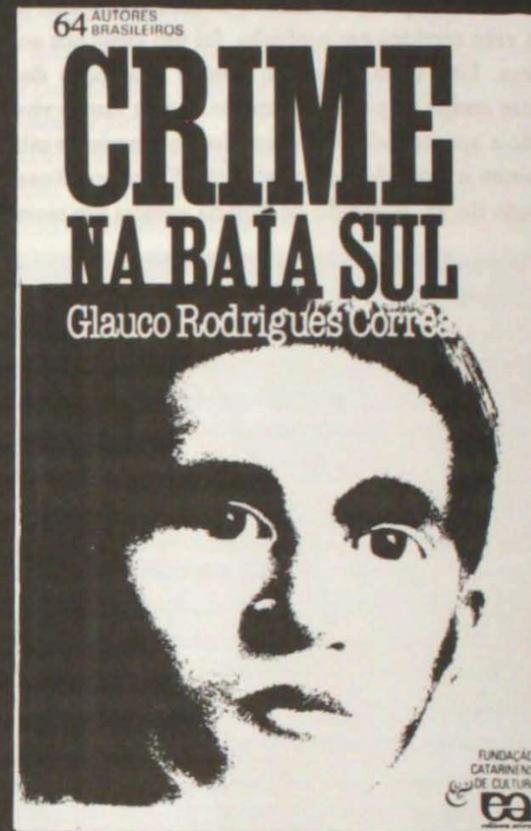
às vezes por diálogos, revelando um ser perdido, insone, preso às mais confusas reações e assaltado por lembranças de toda ordem. Dá vazão ao fluxo da consciência. Seu final poderíamos prolongá-lo indefinidamente, e ligá-lo, até, ao começo: "Por onde andará, tal qual o pai andejo?"; "O negociante dormindo lá em casa, eu não sei!". Mas são também realistas: contam episódios ou incidentes sem maior importância que funcionam como índices de dramas ou conflitos que não aparecem na narrativa. Há exteriorização de um drama. Revelam, através do registro desordenado e caótico, um ser que tenta compreender o que se passa, incapaz de resolver, sozinho, os problemas materiais que o cercam.

Na ESTRUTURA LINGÜÍSTICA aproximam-se do conto tradicional: linguagem literária, vocabulário culto, selecionado de acordo com a natureza literária a que o texto pertence, às vezes até criado pelo autor: agridoçura, islenho, evoliar, doidivas, estapafúrdia, gatimônias, milhentas, hombridade. Os períodos também são longos. Mas são modernos enquanto apresentam a linguagem cotidiana, coloquial: inteligido, filho-da-mãe, dor nos fisgos, enticou. "A tia puxava um lero-lero. . .". Não há condições de resumi-los ou determinar-lhes a paráfrase.

Concluimos que SINGRADURA é um livro de contos poéticos tão doces e belos como o próprio ato de singrar. É um livro para ser lido. . . "enquanto, ferindo a lousa água uma velinha ponteja e drapeja branca", pois "não há nenhuma ameaça no tempo", "o dia adelgaça tudo", "tudo (está) azulado nas fregens de julho". "Há dúzias de gaivotas espanando a tardinha, e "a idéia do homem vai no lombo das águas". "Todos os cachimbos encham o Atlântico de virilidade". Dia virá "em que tudo tão sólido há de restar indistinguido no verde-lhão violento" como "um soco na alma do povo". E o "cronicário farto da família" mostrará que "cada cara é um hino dos mais bravos causos marinheiros". E o povo, "saindo pro mar para lavar os olhos", que "teimaram em ficar pendurados como duas gotas", "com faro de mil narizes" o povo perceberá que "a palavra do artista não foi de mentira" e que "o dia está na medida para se fazer a (grande) irmandade universal". Então "se integra na suavidade da primavera", pois que "o medo era do medo dela".

"Mas por enquanto é tarde varrida, escovada". "O tempo cria calo" (e eu), "acho que chorei como um guri de berço".

Agora, lembrar de SINGRADURA expressões como "uma mão", "jatinha", fica até sem nexos. Dizer que o foco na obra é de primeira ou terceira pessoa, também parece desnecessário, assim como dizer que o discurso é direto ou indireto ou livre parece tão sem importância, comparando a poesia constante em cada conto. Aprendemos o devaneio do poeta, do artista, e ele "faz jus ao respeito ilhéu". Encerramos assim este trabalho, singrando, singrando até que o barco atraque em qualquer "porto do sul do mundo" ou seja coberto "com o véu finíssimo da morte".



CRIME NA BAÍA SUL é o livro da maratona/1981 para as Escolas de 2o. grau

Dentro dos objetivos de incentivar a formação do hábito de leitura, desenvolver a capacidade de interpretação de textos, exercitar a prática de redação e tornar conhecidas a vida e a obra de escritores catarinenses, a Fundação Catarinense de Cultura dá continuidade, neste ano de 1981, à Maratona Cultural "A Escola Participa", lançada com muito êxito em 1979 e dirigida aos colégios de 2o. grau de Santa Catarina.

Para este ano foi escolhido para redação dos alunos de 2o. grau em todo o Estado, o livro CRIME NA BAÍA SUL, de Glauco Rodrigues Corrêa indiscutivelmente uma obra significativa da literatura catarinense contemporânea. Orientados pelo seu colégio e professores, os estudantes deverão redigir trabalhos de interpretação do livro proposto, trabalhos que — após uma seleção inicial dos próprios colégios — serão remetidos por estes à Fundação para julgamento final e premiação dos três primeiros lugares. Os alunos premiados receberão os prêmios: 1o. lugar: Cr\$ 20.000,00 (vinte mil cruzeiros); 2o. lugar: Cr\$ 15.000,00 (quinze mil cruzeiros) e 3o. lugar: Cr\$ 10.000,00 (dez mil cruzeiros).

A Maratona tem o patrocínio do Banco do Estado de Santa Catarina (BESC) S. A.

#### Como vai funcionar a Maratona

O trabalho redacional sobre o livro *Crime na Baía Sul* — Proposto pela FCC — será solicitado pelos professores de língua portuguesa e literatura brasileira aos seus alunos. A redação poderá ser datilografada ou manuscrita e deverá ter, no mínimo 350 e no máximo 1000 palavras. Cada Escola selecionará um trabalho, que deverá ser remetido à FCC.

#### Cronograma

Os alunos deverão entregar os trabalhos ao professor de seu colégio até 31 de maio. O colégio enviará o trabalho selecionado para a Fundação Catarinense de Cultura até 30 de junho. E, por sua vez, a FCC deverá divulgar os três classificados até 31 de julho, fazendo a entrega dos prêmios em dezembro.

# APITO NA PIRAMBEIRA

conto de Enéas Athanázio

Lançado em fins do ano passado pela Editora do Escritor, São Paulo, MEU CHÃO é o sexto livro de Enéas Athanázio. Com ele retoma o Autor as vigorosas narrativas de cunho regional dos Campos Gerais catarinenses, que vem desenvolvendo desde os livros O Peão Negro (1973) e O Azul da Montanha (1976).

Enéas nasceu em Campos Novos, e exerce hoje a Promotoria Pública em Blumenau. O Conto "Apito na Pirambeira", que o Boi-de-Mamão apresenta nesta página, pertence ao MEU CHÃO e é um bom exemplo da sugestiva literatura de Enéas Athanázio.



Clidão, o açougueiro, limpou as mãos sujas de sangue num avental imundo, soltou as correias que o prendiam e enfiou as fraldas da camisa nas calças de brim riscado. Em passos rápidos saiu pela portinhola do balcão. Já na rua, fitou o céu e calculou a hora. Caminhou pelo chão poeirento, aproximou-se da bodega do Trajano, enfiou a cabeçorra, coberta por largo chapéu de palha, e gritou para dentro:

— Tá na hora, seu Zél!

O outro, baixinho e moreno, tirou o lápis detrás da orelha, correu a mão gorducha ao bolsinho das calças e sacou enorme relógio dourado. Examinou-o com atenção exagerada e afirmou em voz afetada, repleta de ss sibilantes:

— São nove horas, quarenta minutos e quinze segundos.

Guardou o pataca e saiu na companhia do picador. Pessoas deixavam as casas e o grupo engrossava na descida para a estação. Das poucas ruas da vila surgia mais gente, toda ela com idêntico destino. Homens, rapazes, moças, crianças; alguns a cavalo, outros seguidos dos cuscos de fiança.

A plataforma da minúscula estação regurgitava. Sobre as pedras que a formavam, polidas pelo pisoteio, juntavam-se grupos e a prosa se animava. Espalha-Brasa contava piadas e sua risada estentórea reboava pelo povoado; o Clidão tinha as manoplas na cintura e com ele indicava um vendedor de gado, meio bêbado e cambaleante; o Arcelino, no rigor da moda campeira, caminhava para lá e para cá, exibindo as botas sanfonadas, o corgo vazio pendente da cinta; o Trajano cronometrava no "Pateck Philippe."

Na agência os funcionários se agitavam. O seletivo estridulava, o antigo morse martelava sozinho. Rubro de pinga, o agente trabalhava com o quepe vermelho na cabeça grisalha.

Foi quando o trem apitou na serra da Pirambeira, o apito falhando, zendo um choro cheio de riquefoques a violentar o silêncio. Por instantes se ouviu o ruído das rodas, estralando do esmaecido nos trilhos distantes.

"Te pego, te pico  
Te boto no pinico!"

— É a 625 — garantiu alguém, o ouvido afinado.

— Burrage, — contou um outro, — não vê que esse é sexta-

vado?

— Essa é a 825! — sentenciou um entendido, com geral concordância.

A piatzada, diante de um barracão, colocava pregos deitados sobre a linha. Achatados pela composição, viravam faquinhas boas de carregar. O guarda-chaves, irritado, tentava atropelá-los aos gritos.

Vencida a curva, o trem apareceu. A velha locomotiva, negra e resfolegante, arrastava o misto, vomitando um rolo de fumo e enchendo de vida aquele mundo parado. Avoluma-se o ruído, a composição cruza os últimos metros e entra no pátio da estação, os freios rangendo na redução da marcha. Pesadona e elegante, a 825 se aproxima devagar, parece um monstro estranho no bucolismo da vila. Na janela, o maquinista se coloca para receber o pode. Quando vara a agência, estendo o braço, cumprimentando com o outro, um sorriso na cara encarvoadada. O gesto é imitado pelo agente e trocam, com uma só mão, os papeizinhos, cada um entregando e recebendo o seu, num prodígio de habilidade que põe pasmos os presentes.

Desfila a composição diante da plataforma e acaba por estacar. Há um corre-corre frenético. Ferroviários carregam e descarregam os fretes, mingua-dos passageiros descem, caras estranhas espiam para fora. Moradores percorrem os vagões a pretexto de campear conhecidos, compram cigarros no "buffet" e algum raro jornal.

O povo comenta os mesmos comentários.

— Pouca gente, hoje — constata este.

— Ninguém conhecido — conclui aquele, o pescoço esticando-se ao longo das janelas.

— Vai chegar às dez da noite — ajunta um terceiro.

— É, mas está atrasado — afirma o Espalha-Brasa.

— Realmente, está com trinta minutos e vinte segundos de atraso — confere o Trajano no relógio, os ss muito bem articulados.

Com a cesta no braço, o negrinho Tição vende bolinhos e sorri com a dentuça muito branca. Espalha-Brasa, sempre às gargalhadas, informa o significado das letras dos vagões:

— Restaurante vagabundo pastel sem carne — diz ele.

— Qual o quê, — diz um outro — é Rosa viu Pedro sem calça. E vêm as risadas, apesar da repetição.

No azul do terno de botões dourados, cheio de importância, o chefe-de-trem proseia com um amigo.

Fecha-se o bagageiro com um ruído de roldanas secas.

Passageiros embarcam. Três pancadas do velho sino de cobre tinem no ar, o maquinista responde com um apito ligeiro. O chefe trila com força um apito, o trem começa a se mover e os pulmões da velha 825 se põem a arfar.

De primeira classe, o derradeiro vagão vai passando. Como último ato do ritual, o chefe-de-trem sobe, ágil e prático. Apurama-se, fita o povaréu amontoado na estação, leva os dedos ao boné numa despedida casual e silenciosa.

Em pé na estação aquele povo acompanha com olhar comprido o trem que ruma para a cidade grande. No fim daqueles trilhos, que parecem se unir na verdura dos campos distantes, estão o sonho e a esperança.

Só o Trajano, indiferente, consulta o relógio de ouro.



No fim daqueles trilhos  
estão o sonho  
e a esperança...

# GERAL

## PRESERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO DA COLONIZAÇÃO GERMÂNICA

A Fundação próMemória, a Fundação Catarinense de Cultura e a Secretaria de Planejamento estão dando início a um programa de incentivo à preservação do legado construído pela colonização alemã em Santa Catarina. Como primeira medida desse processo de valorização das construções alemãs, será realizado um Encontro, na primeira quinzena do mês de outubro, com a participação de lideranças municipais, empresariado, entidades culturais, área federal, etc. Durante o Encontro, será apresentada uma mostra de material representativo da arquitetura do imigrante nas áreas de colonização germânica, assim como um painel da experiência de preservação alemã, possibilitado por um acordo de cooperação técnica Brasil/Alemanha.



Casas de Enxaimel, na rodovia Guilherme Jensen, em Itoupeva Central, bairro de Blumenau e núcleo colonial em meados do Século XIX.



A Fundação Catarinense de Cultura, com seus técnicos e a participação da Secretaria de Planejamento, pretendem realizar, através de uma pesquisa de campo, o redescobrimto das seguintes áreas: São Pedro de Alcântara e imediações; Blumenau, Brusque e todos os municípios do Vale do Itajaí que foram núcleos coloniais; Joinville e sua expansão colonial; regiões da bacia do rio Tubarão colonizadas por alemães.

As entidades municipais e estaduais que estiverem interessadas nesse trabalho, bem como as pessoas que tenham estudos já realizados sobre o assunto e que gostariam de participar de alguma forma, poderão entrar em contato com a Fundação Catarinense de Cultura.



LEIA

*OITO POEMAS* de Cleber Teixeira, com ilustrações de Jayro Schmidt (gravações em relevo de branco sobre branco). Uma belíssima edição de NOA NOA, rua Vidal Ramos, 75, Florianópolis, SC.



## PAN'ARTE'81

Em sua terceira edição, o PANORAMA CATARINENSE DE ARTE vai ao encontro do artista, objetivando a integração comunitária e cultural pela nobre expressão da arte, incentivando o seu desenvolvimento e a sua interiorização.

A exibição do PAN'ARTE'81 visa demonstrar o potencial da arte catarinense, revelando novos valores e incentivando artistas já consagrados, ao mesmo tempo em que desenvolverá o gosto pela arte junto às comunidades, concedendo assim a oportunidade do conhecimento e admiração das nossas manifestações artístico-culturais, incrementando a comercialização junto ao mercado nacional, além do fomento ao turismo.

### METODOLOGIA E PREMIAÇÃO

O PANORAMA CATARINENSE DE ARTE será dividido em 2 (duas) etapas, Pré-Pan'Arte e Pan'Arte'81.

1 - O Pré-Pan'Arte é a etapa que selecionará as obras, as quais irão compor a mostra do PAN'ARTE'81.

Além das obras selecionadas nas microrregiões, haverá a premiação para os 3 (três) primeiros lugares de cada região:

1o. prêmio - Cr\$ 25.000,00

2o. prêmio - Cr\$ 15.000,00

3o. prêmio - Cr\$ 10.000,00

As obras escolhidas ficarão à disposição da comissão regional, que por sua vez as remeterá ao Centro de Promoções da CITUR, em Balneário Camboriú, no término da exposição regional.

2 - O Pan'Arte'81 funcionará como veículo de divulgação, a nível da arte catarinense. Será a etapa na qual serão concentrados todos os esforços no sentido da comercialização das obras em exposição no Centro de Promoções da CITUR, em Balneário Camboriú.

### COMO PARTICIPAR

Convocamos a todos os artistas catarinenses, residentes ou não no Estado, artistas de outros Estados residentes em Santa Catarina, a se inscrever no Pré-Pan'Arte, de sua cidade ou região, retirando o regulamento e preenchendo a competente ficha junto às Fundações Educacionais e/ou Prefeituras.

As inscrições devem ser feitas de 19/05 a 02/06/81, nas respectivas regiões.

### DAS DATAS

Os salões de exposição dos Pré-Pan'Artes serão abertos nas microrregiões no dia 08/06, ficando abertos à visitação pública em horário comercial, até 23/06/81.

O PAN'ARTE'81, resultante da seleção de obras das microrregiões, terá lugar no Centro de Promoções da CITUR, em Balneário Camboriú, de 08 a 23 de julho de 1981, diariamente, das 09:00 às 21:00 horas.

### QUEM PROMOVE

O evento tem a promoção do Governo do Estado de Santa Catarina, através da Secretaria de Cultura, Esporte e Turismo, Casa Civil e Sistema CODESC. A coordenação está a cargo da Fundação Catarinense de Cultura, CITUR, Museu de Arte de Santa Catarina, Fundações Educacionais, Prefeituras, UCRES e Associações das Microrregiões.

## PAUTA DO TEATRO ÁLVARO DE CARVALHO

Mês de Junho:

dia 12 - Entrega de prêmios aos vencedores do Concurso Cruz e Sousa;

13 e 14 - Peça infantil - "Alice no Reino Encantado", apresentação do Grupo Teatral Nós;

19, 20 e 21 - "Aquele Coisa Toda", peça encenada pelo grupo carioca Asdrúbal Trouxe o Trombone;

22 - Espetáculo Musical apresentado pelo Trio Trindade;

24 - Show musical "Flagrante", do Grupo Desterro;

26, 27 e 28 - "Sonhos de Uma Noite de Verão", exibição do Grupo Caravana de Cena;

30 - Concerto com o pianista Cláudio Richerme, de São Paulo. Promoção Pró-Música, de Florianópolis.

Mês de Julho:

De 1o. a 5 - Peça para crianças "Libel, a Sapateirinha" - Grupo Galpão;

1o. a 5 - Espetáculo de Dança "Certas Mulheres", Grupo Mambembe;

8 a 12 - Musical "Foi Bom, meu Bem", Grupo Mambembe;

11 e 12 - Reprise de "Libel, a Sapateirinha";

13 a 17 - "Ballet Guaíra", da Fundação Teatro Guaíra;

18 e 19 - Peça infantil "O Macaco e a Velha", Grupo Raízes;

22 a 26 - "Tem um Psicanalista em nossa Cama";

25 e 26 - Reprise de "O Macaco e a Velha";

27 - Concerto do grupo "The Elsinore Players". Promoção Pró-Música, de Florianópolis.

## PROGRAMAÇÃO DO MUSEU DE ARTE DE SC PARA ESTE ANO

Mês de Junho

1o. a 14 - Exposição sobre Ecologia - Promoção da FATMA; no hall da Casa da Cultura;

16 a 30 - Nilson Delai - Pintura e Arquitetura; no MASC;

Mês de Julho

3 a 19 - Antônio Mir, na Casa da Cultura;

4 a 26 - Núcleo de Fotografia de Florianópolis, no MASC.

Mês de Agosto

28 de julho a 8 de agosto - II Salão de Novos Artistas - MASC.

Mês de Setembro

1o. a 15 - João Olíbio. Na Casa da Cultura;

3 a 15 - Bené Fonteles - xerografia. No MASC.

Mês de Outubro

1o. a 15 - Nini - pinturas. Na Casa da Cultura;

2 a 12 - Loly Hosterno - pinturas. No MASC;

15 a 31 - Jarina Menezes - desenhos. No MASC.

Mês de Novembro

3 a 14 - Rodrigo de Haro - "Prestidigitação". No MASC;

5 a 20 - Escolinha de Arte de Florianópolis. Na Casa da Cultura.

Mês de Dezembro

2 a 16 - Zacarias - pinturas. Na Casa da Cultura;

3 a 16 - Jayro Schmidt - desenhos e gravuras. No MASC.

## ACEs TRAÇA METAS PARA 1981

A Associação Catarinense de Escritores, fundada em 25 de janeiro de 1975, quando da realização do I Encontro de Escritores Catarinenses, realizado na capital do Estado, tem como Programa de Trabalho a ser executado em 1981:

1 - **PRÊMIO ENGENHO DE LITERATURA** - visa premiar com troféu e diploma o melhor livro nas áreas do conto, poesia, crônica, romance, ensaio e literatura infanto-juvenil, bem como premiar dois destaques na área literária. Os livros somente poderão concorrer se publicados em 80 ou até julho de 81.

2 - **CONCURSO LITERÁRIO** - visa premiar o melhor trabalho de universitário ou pessoa da comunidade que apresentar resenha crítica sobre o livro - "21 DEDOS DE PROSA".

3 - **ENGENHO** - reativação do jornal *Engenho*, órgão da Associação, que será editado 4 vezes por ano.

4 - **VI ENCONTRO ESTADUAL DE ESCRITORES** - a ser realizado em Criciúma, provavelmente no mês de junho do corrente ano, onde serão discutidos assuntos pertinentes à classe profissional dos escritores e assuntos ligados à literatura, de maneira geral, mormente no que diz respeito à produção literária de Santa Catarina.

5 - **UTILIDADE PÚBLICA** - reconhecimento da ACEs como utilidade pública no âmbito Estadual, Lei No. 5858 de 20.04.81 e Municipal.

6 - **CO-EDIÇÃO** - a exemplo de *21 DEDOS DE PROSA* e do livro infantil ... E DESLIGARAM A TV, a ACEs também pretende co-editar mais dois livros em 81. É possível que sejam nas áreas do ensaio e da crônica.

7 - **AQUISIÇÃO DA SEDE PRÓPRIA** - embora com um contrato firmado com a Academia Catarinense de Letras, através do qual a sede da ACEs funcionará juntamente com a da Academia, a Diretoria da Associação dos Escritores pretende continuar a luta pela aquisição de uma sede própria.

8 - **REATIVAÇÃO E INSTALAÇÃO DE DELEGACIAS** - possuindo representantes - delegados - nas cidades de Blumenau, Caçador, Canoinhas, Criciúma, a Diretoria da ACEs pretende este ano instalar novas Delegacias, desta feita nas cidades de Joinville, Itajaí, Tubarão, Chapecó, Joaçaba, Orleans, Jaraguá do Sul, etc., com o propósito de divulgar a entidade e promover uma integração maior com as diversas comunidades catarinenses.



LIVROS



**CIVILIZAÇÕES PRIMITIVAS DO CONTESTADO** — Trata-se de mais um importante trabalho de Nilson Thomé, conhecido pesquisador da Antropologia e da História em Santa Catarina, que desta vez estuda as raízes e vestígios históricos do Homem Primitivo da região do Contestado. Edição da Imprensa Universal Ltda (1981), Caçador, SC.

**LOS MINUTOS VUELAN** — Textos literários de Julian Gustens. Condes de Bell, Lloch, 90, 2o. — Barcelona, Espanha.

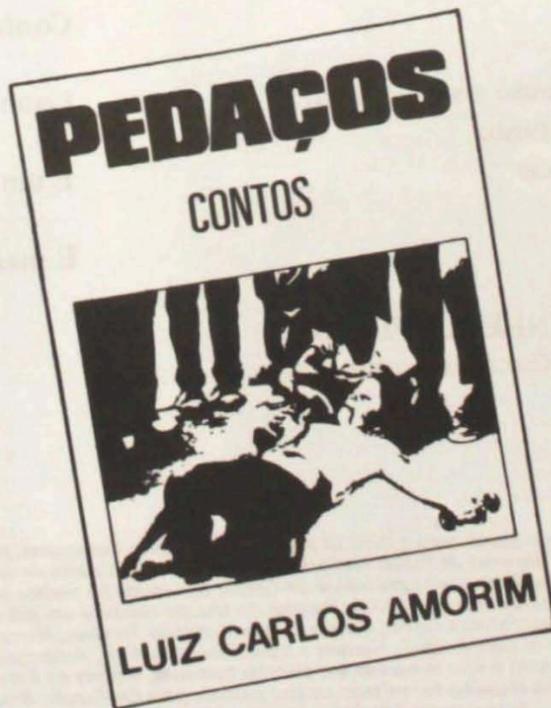
**ENSAIANDO UMA CERTA POESIA** — Poemas de José Germano Cardozo. Pedidos para o Autor, rua Cel. Américo, 95, Barreiros, São José, SC, CEP 88.100.



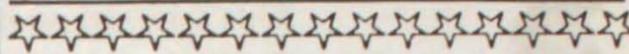
**QUARESMA** — de Suzana Kilpp. Bela edição contendo expressivos textos em prosa, poemas, desenhos e fotos. Lançamento da Editora Pro-Arte (1980), av. João Pessoa, 345, Porto Alegre, RS. Em apresentação, escreve Ana Maria Taborda: "A poética de Suzana Kilpp é a poética do mergulho. Com as fraturas e os espaços negros".



**PEDAÇOS** — Contos de Luiz Carlos Amorim, escritor que vem trabalhando ativamente para a vida literária de São Francisco do Sul, SC. Edição do Autor, 1980. Pedidos para o próprio Luiz Carlos, a/c Banco do Brasil, São Francisco do Sul, CEP 89.230.



REVISTAS E JORNAIS



ANO 2  
NÚMERO 3  
MAIO  
1981

LITERATURA  
**Engenho** Cr\$ 20,00

**ENGENHO** — No. 3, maio de 1981. Jornal informativo da Associação Catarinense de Escritores (ACEs), que apresenta também artigos, poemas e contos de seus associados. Correspondência para Caixa Postal D-56, Florianópolis, CEP 88.000.

**SAIDEIRA** — Edições Art-Cum, No. 1, novembro de 1980, Brasília, DF. Mimeografado trazendo informações sobre literatura e arte. Pedidos para **FORMATO**, W 3 Norte, 708/9, Bloco A, 1o. pavimento, Brasília, DF.

**O ESCRITOR** — Nos. 7 e 8. Órgão oficial da União Brasileira de Escritores, rua 24 de maio, 250, 13 andar, São Paulo, SP.

**NAÇÃO CARIRI** — Número 2, julho/agosto de 1980. Jornal literário editado em Crato, Ceará. Correspondências para a rua Cícero Araripe, 268, Crato, CE, CEP 63.100.

**GENTE** — Número 4. Mimeografado editado por Jurandir Schmidt, rua Walmor Harger, 32, Vila Costa e Silva, Joinville, SC, CEP 89.200. Este número contém trabalhos de jovens poetas de vários Estados brasileiros.

**MATÉRIA-PRIMA** — Divulgação da produção literária de escritores de Caxias do Sul, RS. Correspondência para Gráfica da Universidade de Caxias do Sul, Campus Universitário, Bloco G, CEP 95.100.

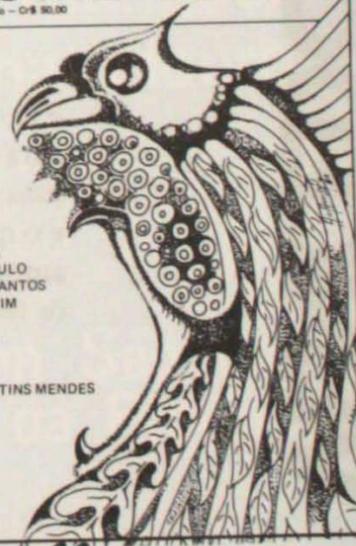
**O PAPA SIRI** — Número 2, março de 1981. Órgão da Comissão Municipal de Cultura de Itajaí, SC. Entrevistas, reportagens, literatura. Correspondência para Caixa Postal, 45, Itajaí, CEP 88.300.

**ARSENAL DE LITERATURA** — Revista que reúne trabalhos da nova geração de escritores e artistas do Ceará. Pedidos para rua Carlos Ribeiro, 572, apto. 303, Fátima, Fortaleza, CEP 60.000.

**CONTOS & NOVELAS Nº 6**  
Revista Catarinense de Ficção — Cr\$ 90,00

Nesta Edição:

- PINHEIRO NETO
- SILVEIRA DE SOUZA
- LIANE COLLAÇO PAULO
- LUIZ CARLOS DOS SANTOS
- LUIZ CARLOS AMORIM
- PAULO STREL CZUK
- ADEMIR ASSUNÇÃO
- ARTEMIO ZANON
- JAIME CIMENTI
- LUIZ ANTÔNIO MARTINS MENDES



**CONTOS E NOVELAS** — No. 6, maio de 1981. Conhecida revista de ficção publicada em Florianópolis, SC. Editores: Glauco Rodrigues Corrêa, Silveira de Souza e Pinheiro Neto. Este número apresenta dez contistas brasileiros e contém os trabalhos premiados no Concurso "Contos de Natal", promovido no final do ano passado pela Prefeitura Municipal de Itajaí. Pedidos para Caixa Postal, 958, Florianópolis, CEP 88.000.

DO AMOR

Todo amor está perdido  
ao nascer.

Em vão nossos corpos  
nos absorvem, em vão  
nos lançamos aos nossos  
abismos recíprocos:  
o amor

ai não está.

Em nós ecoa o seu chamado  
e nos submete. Mas apenas  
chamado: ao fim  
há outro chamado  
e outro  
e outro

e na origem do outro  
que sempre vem depois  
(e portanto nunca chega)  
está o amor,  
o que é o mesmo que não estar.

Nisto meditas,  
neste crepúsculo que desce  
e que não é crepúsculo: é o que  
está em ti;  
o que quer amar e mesmo pensa  
que ama;  
e mesmo ama,  
só que sempre outra coisa:  
não bebe a água,  
mas a sombra (que cintila) da água.

Nisto pensas,  
olhando as andorinhas  
mortas há vinte anos e que voam  
ao pôr-do-sol.  
Nisto mergulhas  
(doce é o som e a frescura  
dessa sombra que marulha)

e te deixas levar  
para o que está perdido desde a sua origem,  
para o que não há e no entanto  
é o que mantém à superfície  
amorosamente  
os teus destroços.

RUY ESPINHEIRA FILHO  
(Do livro *As Sombras Luminosas*)

E AGORA, COMPASSIVA, A NOITE...

E agora, compassiva, a noite  
silencia este pássaro do tempo,  
não será o céu nem a abstenção  
de seres na cidade  
que irá comover tua maldade.

Voltas ao homem pela nudez  
da trajetória e não há lágrima  
na pele fraca da verdade  
nem o modelo da execução  
no percurso do corpo.

Mas a mutação continua  
e como a noite não distingue  
o limite da fraqueza  
cresce a renúncia de sonhos antigos.

OSMAR PISANI  
(Do livro *As Paredes do Mundo*)

CONHEÇO O CHEIRO DO HOMEM...

Conheço o cheiro do homem  
que me quer.  
E é como cheira o corpo  
de um cigano.  
Sei do seu jeito de olhar  
como um relâmpago.  
E é como um jeito urgente  
de chegar.

Conheço a boca que procura  
a boca.  
A sedução (ou o sonho?)  
entre as coxas.  
E é como enquanto um canto  
se faz canto.  
E é como um cais do porto  
no oceano.

Conheço o gosto do homem  
quando me ama.  
Conheço-me mulher amada,  
amando.  
E um corpo só, não dois,  
na mesma chama,  
E mais durante e depois,  
depois.

YONE GIANNETY FONSECA  
(Fragmento do livro *Mulher*)

O baiano Ruy Espinheira Filho foi o ganhador do Prêmio Cruz e Sousa, com o livro de poemas *As Sombras Luminosas*, pelo qual receberá 500 mil cruzeiros e a edição de seu livro pela Fundação Catarinense de Cultura. O segundo lugar do Concurso Nacional de Poesia instituído pelo governo do Estado no ano passado coube a Yone Giannetti Fonseca, mineira radicada em São Paulo, que ganhou 250 mil cruzeiros pela obra *Mulher*. Osmar Pisani, um catarinense de Gaspar que reside há muitos anos em Florianópolis foi o autor do melhor livro entre os poetas catarinenses participantes do concurso. Por seu livro *As Paredes do Mundo* receberá um prêmio no valor de 250 mil cruzeiros. Os prêmios serão entregues no próximo dia 12 de junho, na presença de Ferreira Gullar, Fausto Cunha, Armindo Trevisan, Marcos Konder Reis e Adonias Filho, componentes da comissão julgadora, que vêm a Florianópolis para a solenidade, juntamente com Antônio Houaiss e o presidente da ABL, Austregésilo de Athayde, convidados do governo catarinense. Ruy Espinheira Filho é um baiano de 39 anos. Formado em Jornalismo e com mestrado em ciências humanas, leciona na Escola de Biblioteconomia e Comunicação da UFBA. Já tem publicados livros de poemas, contos e novelas. Seu último trabalho foi editado no ano passado pela *Civilização Brasileira* e INL, sob o título *A Sombra e o Rio*. A segunda colocada no concurso é de Belo Horizonte, mas vive há muito tempo em São Paulo. Bacharel em Línguas e Letras Neo-Latinas pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da UFMG e em Psicologia pela PUC de São Paulo. Psicanalista em formação na Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo. Tem duas obras publicadas, ambas de poesia. Seu mais recente livro data de 1975 — *Rosa Dialética*, edições Quiron. Osmar Pisani tem 36 anos e é bastante conhecido do público catarinense por sua participação em diversos trabalhos culturais e pela sua coluna de crítica de artes visuais no jornal *O Estado*. Seu primeiro livro de poesias *O Delta e o Sonho*, foi publicado em 1964 e em 1976 publicou *As Raízes do Vento*, tendo participado, também, de duas antologias — *Círculo 17*, em 1974, e *Assim Escrevem os Catarinenses*, 1976.